

Marcio de Lucas Cunha Gomes

Classificando Políticos Autoritários: uma prova de conceito com a Câmara dos Deputados no Brasil

Brasil

2020

Marcio de Lucas Cunha Gomes

Classificando Políticos Autoritários: uma prova de conceito com a Câmara dos Deputados no Brasil

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em Ciência Política. Orientador: Prof. Dra. Nara Pavão

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Departamento de Ciência Política

Programa de Pós-Graduação

Orientador: Nara Pavão

Brasil

2020

Marcio de Lucas Cunha Gomes

Classificando Políticos Autoritários: uma prova de conceito com a Câmara dos Deputados no Brasil/ Marcio de Lucas Cunha Gomes. – Brasil, 2020-
63p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Nara Pavão

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Departamento de Ciência Política
Programa de Pós-Graduação, 2020.

1. Palavra-chave1. 2. Palavra-chave2. 2. Palavra-chave3. I. Orientador. II. Universidade xxx. III. Faculdade de xxx. IV. Título

Marcio de Lucas Cunha Gomes

Classificando Políticos Autoritários: uma prova de conceito com a Câmara dos Deputados no Brasil

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestre em Ciência Política. Orientador: Prof. Dra. Nara Pavão

Trabalho aprovado. Brasil, 01 de março de 2020:

Nara Pavão
Orientador

Professor
Davi Cordeiro Moreira

Professor
Jakson Alves de Aquino

Brasil
2020

Dedicatória.

Agradecimentos

Agradecimentos...

Resumo

Como mensurar autoritarismo nas atitudes de políticos eleitos por regimes democráticos? Apesar inúmeros trabalhos na Ciência Política tratarem das causas e consequências da ascensão de lideranças autoritárias em regimes democráticos, ainda existem ferramentas limitadas para identificá-las. Como forma de preencher uma lacuna na literatura, essa dissertação propõem-se a apresentar um modelo de classificação de agentes autoritários baseado nos seus discursos. O classificador é inspirado nas Escalas F e RWA, propostas por Adorno e Altemeyer, repectivamente, e utiliza-se de Named-Entity Recognition e Sentiment de Analysis como técnicas para medir sentido e intensidade do valor atribuído a entidades típicas do discurso autoritário. Como prova de conceito, utilizou-se 420 mil falas de 3700 parlamentares da Câmara dos Deputados, realizadas nos anos de 2000 à 2019. Entre os resultados, identificou-se que, apesar de flutuações significativas ao longo das legislaturas, 2018 é marcado por um ano de expressivo aumento de atitude autoritárias. Também é possível confirmar expectativas da literatura de que as bancadas da Bala e da Bíblia concentram, em média, maior número de parlamentares autoritários.

Palavras-chave: autoritarismo, discurso político, Câmara dos Deputados, análise de conteúdo, processamento de linguagem natural, reconhecimento de entidades nomeadas, análise de sentimentos.

Abstract

How to measure authoritarianism in the attitudes of political politicians by democratic regimes? Despite the numbers of works in Political Science, these are causes and consequences of the rise of authoritarian authorities in democratic regimes, but there are still limited tools to identify them. As a way to fill a gap in the literature, this dissertation proposed to present a model of classification of authoritarian agents based on their discourses. The classifier is inspired by the F and RWA Scales, proposed by Adorno and Altemeyer, respectively, and uses Named Entity Recognition and Sentiment Analysis as techniques for measuring the meaning and importance of the value attributed to classical individuals of authoritarian law. . As a proof of concept, use 420,000 bankruptcies from 3700 House of Representatives from 2000 to 2019. Among the results, identified as though, despite isolated fluctuations throughout the legislatures, 2018 is marked by a year of increase. expressive of the authoritarian attitude. It is also possible to confirm the expectations of the literature that the Bullet and Bible benches concentrate on average the largest number of authorized parliamentarians.

Keywords: authoritarianism, political speech, House of Representatives, content analysis, natural processing language, named-entity recognition, sentiment analysis.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Distribuição da Escala RWA	28
Figura 2 – Distribuição do Índice de Pós-Materialismo	28
Figura 3 – Diagrama do Discurso Político	39
Figura 4 – Priori RWA	44
Figura 5 – Diagrama do Modelo Generativo no LDA	47
Figura 6 – Diagrama da Operacionalização das Estimatições	49

Lista de quadros

Lista de tabelas

Sumário

1	INTRODUÇÃO	21
2	O QUE É AUTORITARISMO?	23
2.1	Autoritarismo na política	23
2.2	A personalidade Autoritária	25
2.3	O discurso autoritário	28
3	COMO CLASSIFICAR AGENTES AUTORITÁRIOS?	33
3.1	As estratégias convencionais	33
3.1.1	Avaliação de Especialista	33
3.1.2	Análise de Movimento Político	34
3.1.3	Survey com Elites	35
3.2	Análise Automatizada de Conteúdo	36
3.2.1	O Estado da Arte da Análise Automatizada de Conteúdo	36
3.2.2	Propondo um novo Critério de Classificação	38
3.2.3	Operacionalizando a Estimção dos Metaparâmetros	45
4	PROVA DE CONCEITO: O CASO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	51
4.1	Coletando dados	51
4.2	Estimando meta-parâmetros textuais	51
4.3	Avaliando resultados	51
	REFERÊNCIAS	53

1 Introdução

Ao longo das últimas duas décadas, as discussões acerca dos efeitos do autoritarismo sobre a qualidade e estabilidade das democracias ganharam maior espaço na academia e na mídia. Contudo, diferente de outros momentos da história, as principais ameaças atuais para a liberdade são líderes políticos, eleitos democraticamente, que carregam consigo traços autoritários nas suas atitudes e comportamento. Em casos mais dramáticos, como na Venezuela, Hungria e Turquia, a presença de chefes do executivo pouco simpáticos à democracia foi elemento decisivo para a ocorrência de reversões autoritárias.

Todavia, apesar da relevância do tema, a literatura ainda conta com ferramentas limitadas para identificar agentes políticos autoritários. Em decorrência da dificuldade da coleta de dados primários de membros da classe política e integrantes de grupos organizados, pesquisadores utilizam-se de grandes heurísticas como unidade de análise. Alguns dos exemplos são: partidos políticos (MUDDE, 2009; LOXTON, 2014; MUDDE, 2016); movimentos sociais (CAIANI, 2017), comportamento do eleitorado (BOOTH; SELIGSON, 1984; SELIGSON, 2003; SELIGSON; TUCKER, 2005; RYDGREN, 2007) ou grandes lideranças (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; NORRIS; INGLEHART, 2019). Como efeito, o autoritarismo é observado apenas nas suas expressões organizadas, permanecendo inobservado enquanto atributo individual de parlamentares e candidatos.

Como forma de propor um critério de classificação para políticos autoritários, extensível para um grande número de agentes políticos e em consonância com o conhecimento reunido no campo da psicologia política, essa dissertação apresenta um modelo de identificação de atitudes autoritárias baseada na análise automatizada de conteúdo aplicada ao caso da Câmara dos Deputados. Para isso, coletou-se 420 mil falas de 3700 parlamentares realizadas entre os anos 2000 e 2019. Endoçando os avanços de trabalhos da Ciência Política que têm utilizado texto como dado (*text as data*) (BATISTA; VIEIRA, 2016; MOREIRA, 2016), espera-se contribuir para a literatura a partir da exploração de fontes de alternativas de dados para construção de um indicador relevante para a literatura.

A despeito das dificuldades na classificação de políticos autoritários, uma extensa bibliografia apresenta definições e indicadores extensamente validados para mensurar propensão ao autoritarismo (TITUS; HOLLANDER, 1957; MELOEN, 1993). De maneira geral, a personalidade autoritária envolve a crença de que o mundo é um lugar hostil e perigoso, no qual a segurança coletiva, a estabilidade e a ordem são indispensáveis a qualquer custo (ALTEMEYER; ALTEMEYER, 1996). Partindo disso, seus representantes tendem a dividir a sociedade em dois grupos homogêneos: àqueles que buscam preservar o mundo como nós conhecemos e aderem as autoridades vigentes e aqueles que as desafiam.

Nas investigações empíricas sobre o tema, a literatura reúne evidências de que a personalidade autoritária está associada à discriminação (TITUS; HOLLANDER, 1957; MELOEN, 1993), preconceito religioso (LAYTHE; FINKEL; KIRKPATRICK, 2001), contra homossexuais (HUNSBERGER, 1996; JONATHAN, 2008), preconceito racial (ROWATT; FRANKLIN, 2004), à manifestações de sexismo (SIBLEY; WILSON; DUCKITT, 2007), xenofobia (THOMSEN; GREEN; SIDANIUS, 2008) e preconceito em geral (ASBROCK; SIBLEY; DUCKITT, 2010). O que o panorama geral das pesquisas sugere é que, de maneira geral, entidades associadas a ordem, segurança e autoridade são desproporcionalmente valorizadas por autoritários e entidades associadas a populações marginais, desproporcionalmente depreciadas.

Na estratégia metodológica, dessa dissertação, tomou-se o autoritarismo em discursos como uma variável composta a partir da composição da i) adesão e rejeição expressas por populações sensíveis e grupos de autoridade ii) o sentimento subjacente aos temas nos quais as menções a essas entidades são realizadas e iii) a ênfase nas menções. Com isso, estimou-se a posição individual dos parlamentares quanto às duas classes de entidades que possuem grande saliência no discurso autoritário: os objetos de exaltação e os objetos de rejeição. Para isso, utilizou-se um dicionário de termos, para identificar discursos e sentenças nas quais cada classe de entidade é mencionada, algoritmos de reconhecimento automatizado de tópicos (LDA) e de entidades nomeadas (NER), para categorizar temas e atributos das entidades e Análise de Sentimentos, para medir a valência dos componentes. Essa abordagem inspira-se nos trabalhos que utilizaram análise automatizada de conteúdo para classificar populistas (ROODUIJN; PAUWELS, 2011; OLIVER; RAHN, 2016; ASLANIDIS, 2018) e identificar incivilidade (VARGO; HOPP, 2017) e depressão (NEUMAN et al., 2012; KANG; YOON; KIM, 2016).

Os resultados apresentaram correspondência com as expectativas da literatura. As bacadas da Bala e da Bíblia apresentaram proporcionalmente o maior número de parlamentares autoritários. Como consequência, é possível perceber, para o caso brasileiro, forte correlação entre discurso autoritário e o populismo penal. Por fim, outro dado preocupante, é de que os anos de 2018 e 2019 apresentaram um significativo aumento na expressão de autoritarismo por meio das falas de parlamentares.

2 O que é Autoritarismo?

2.1 Autoritarismo na política

Num passado não tão distante, autoritarismo e democracia eram conceituados como antônimos. A publicação do livro *Capitalism, Socialism and Democracy*, de [Schumpeter et al. \(1942\)](#), ilustra esse paradigma. Nele, era enunciada a tese de que a democracia seria suprimida por governos autocráticos, na medida em que as classes dominantes – sejam elas a burguesia ou a vanguarda socialista – utilizariam-se das restrições a participação popular como forma de imunizar seu domínio contra a vontade das massas.

O que observou-se após a Terceira Onda de Democratização, todavia, foi um fenômeno contra-intuitivo: revoluções majoritaristas e anti-pluralistas trouxeram fins prematuros para algumas das novas democracias ([LIPSET, 1993](#)). Além disso, um bom conjunto de achados aponta que: a preferência pela democracia têm se restringido e a adesão à soluções autoritárias, aumentado, mesmo em democracias antigas ([FOA; MOUNK, 2016](#); [FOA; MOUNK, 2017](#); [FOA; MOUNK, 2017](#)); o apoio à líderes de pulso firme tem aumentado, consistentemente, ao longo do últimos 20 anos, nas democracias em desenvolvimento ([VOETEN, 2016](#)).

O fato de políticos autoritários serem eleitos em regimes democráticos põem em cheque classificações binárias de sistemas políticos. Entre países da América Latina e África com histórico de governos militares e ex-integrantes da URSS, registros da convivência de instituições eleitorais e baixo apoio normativo à democracia e grande competitividade de figuras autoritárias se acumulam ([BOOTH; SELIGSON, 1984](#); [SELIGSON, 2003](#); [SELIGSON; TUCKER, 2005](#)).

Entre os casos que ilustram esse fenômeno, estão as eleições presidenciais bolivianas de 1997 que concederam uma volta ao poder ao General Hugo Banzer, líder do regime militar que se estendeu ao longo da década de 1970 no país. Em 2016, Rodrigo Duterte, um defensor aberto dos “esquadrões da morte”, reponsáveis por milhares de violações de direitos humanos entre 1998 e 2016, foi eleito presidente das Filipinas.

Do ponto de vista da imagem que agentes políticos autoritários constroem de si mesmo, suas plataformas de campanha variam significativamente por contexto cultural. Na Europa Ocidental, partidos de extrema-direita e direita radical tendem a incorporar nativismo, xenofobia, racismo e neoliberalismo em seus discursos ([MUDDE, 2009](#)). Nos EUA, Nova Zelândia e Canadá, a política do ressentimento, manifesta pela rejeição ostensiva ao *establishment*, conjuga a tônica dos *outsiders* anti-democráticos, e, no caso da Rússia, a xenofobia e o ultranacionalismo desempenham esse papel ([NORRIS et al., 2005](#)).

No caso Latino-americano, há um grande número de casos de partidos de extrema-direita que herdaram laços, conexões, recursos e reputação de regimes autoritários que precederam as transições democráticas que ocorreram ao longo da década de 70 e 80 (LOXTON, 2014). Em comum, compartilham a defesa de políticas de segurança *mano dura* como alavanca de campanha para angariar votos do eleitorado que, a despeito de antipatizar com as plataformas liberalizantes da economia, enxergava, nas lideranças linha-dura, qualidades que permitiriam reestabelecer a ordem sobre o caos gerado pela insegurança.

A Alianza Republicana Nacionalista (ARENA), no Equador, é um caso especial de sucesso. O partido explorou o vazio de propostas para resolução dos problemas de segurança e a antipatia gerada pelas políticas desarmamentistas defendidas pelo campo político progressista como oportunidade de se posicionar de forma competitiva no cenário eleitoral (HOLLAND, 2013). Na composição do partido, estavam membros dos *esquadrões da morte* – grupos paramilitares que cooperavam com o governo combatendo guerrilhas comunistas na guerra civil que se estendeu ao longo da década de 80 na região – os quais angariavam credibilidade para execução de políticas *mano dura* de segurança (LOXTON, 2014).

Apesar do populismo penal ser uma marca de campanha proeminente na região que concentra maiores estatísticas de violência do mundo, o autoritarismo é flexível para se adequar em um grande conjunto de narrativas. No caso da Nicarágua, a família Somoza governou o país ao longo dos anos de 1934 e 1979, deixando um legado de violações a direitos civis em nome do combate aos comunistas. Na Venezuela, por outro lado, sob o governo de Hugo Chavez, estatizações, reforma agrária e rivalização com neoliberalismo foram medidas implementadas durante o caminho da reversão autoritária. E em diversas das transições políticas anti-republicanas que ocorreram na América Latina, setores da sociedade civil organizada participaram das mobilizações (VALENZUELA, 2004).

A despeito da diversidade de manifestações, uma característica comum unifica as lideranças autoritárias em regimes democráticos: o estilo populista adotado na comunicação com as massas. Em contextos em que eleições são o mecanismo pelo qual o poder é adquirido, tanques de guerra e fuzis são substituídos por discursos inflamados. Do ponto de vista estratégico, agentes políticos autoritários exploram a insatisfação e desconfiança com a elite no poder e as instituições para inflamar a demanda por um figura de pulso firme capaz de guiar o país. Conforme argumentam Norris e Inglehart (2019)

[...] Populist rhetoric seeks to corrode faith in the legitimate authority of elected representatives in liberal democracies. But the revolution finds it easier to destroy the old than rebuild the new. The danger is that this leaves the door ajar for soft authoritarians attacking democratic norms and practices.

([NORRIS; INGLEHART, 2019](#))

Como efeito, a ascensão dessas lideranças a chefia do executivo aumenta as chances de transições de governo conflituosas, retrocessos na qualidade da democracia, aumento da percepção de corrupção e erosão de direitos civis ([KYLE; MOUNK, 2018](#)). Ou seja, a presença de agentes autoritários no governo, independente das instituições políticas de um país, proporciona administrações que se distanciam dos ideais democráticos.

O comportamento de um grupo político certamente não é condição suficiente para transições autoritárias, contudo parte da literatura tem aderido a classificações que levam em consideração o caráter híbrido de regimes nos quais, apesar das eleições, apresentam traços autoritários em camadas intermediárias do sistema e no modelo de governo, como “autoritarismo competitivo”([LEVITSKY; WAY, 2002](#); [LEVITSKY; WAY, 2006](#)) e “democracia delegativa”([O’DONELL, 1994](#)).

Partindo disso, pode-se definir o autoritarismo em três camadas: i) no nível das configurações do regime, ii) das práticas dos agentes institucionais e iii) da psicologia dos atores políticos ([GLASIUS, 2018](#)). Nesse sentido, um sistema político é autoritário quando veta eleições, tutela os direitos políticos dos cidadãos e concentra amplos poderes na elite. Já no nível intermediário, práticas autoritárias são caracterizadas por decisões que afetam o *accountability* vertical, na medida em que limitam a liberdade de expressão efetiva dos cidadãos, controlam o acesso à informação ou violam a privacidade, por exemplo. Por fim, no nível individual, políticos podem ser classificados como mais ou menos autoritários de acordo com a sua adesão aos princípios de que i) a sociedade deve ser organizada em torno da autoridade e de regras rígidas e ii) que indivíduos desviantes devem ser punidos.

A diferenciação analítica do fenômeno em níveis, apesar de na prática eles estarem conectados, é importante para assinalar que o autoritarismo está presente em todas as formas de organização política, inclusive em regimes democráticos estabelecidos. Seja nas atitudes do eleitorado ou comportamento dos parlamentares, sua expressão encontra-se em latência num grande número de sociedades, suscetível a fatores que estimulam ou restringem sua emergência.

2.2 A personalidade Autoritária

Com tantas cores que preenchem o conteúdo ideológico das campanhas políticas de agentes autoritários, o que define a essência do seu comportamento e personalidade? O que há de comum na mentalidade de líderes que frequentemente rivalizam entre si?

Uma das primeiras contribuições para responder essa questão foi feita por [Adorno et al. \(1950\)](#). Como causa do fascismo e nazismo que ascenderam como problemáticas sociais após a Primeira Guerra Mundial, os autores apontaram a propensão ao autoritarismo como

uma psicopatologia desenvolvida no processo de socialização das crianças, responsável pela manifestação de adesão crônica à autoridade e rejeição àqueles que estão em posição de subalternidade.

A escala F, desenvolvida por Adorno como operacionalização da teoria, mensura a posição de um indivíduo no espectro do autoritarismo. Nas investigações empíricas sobre o tema, a literatura reúne evidências de que a escala F está associada à discriminação e adesão ao autoritarismo (TITUS; HOLLANDER, 1957; MELOEN, 1993), suspeição e baixa confiança interpessoal (DEUTSCH, 1960) e atitudes iliberais (MELOEN, 1993). Mais recentemente, Levitsky e Ziblatt (2018) construíram um indicador de lideranças de perfil autoritário baseado na medida. Os autores proveram argumentos e evidências que apontam que chefes do executivo com elevados escores na escala F representam grande risco para qualidade e sobrevivência da democracia.

Posteriormente, o indicador de dogmatismo, proposto por Rokeach et al. (1960), interpreta o autoritarismo como uma forma de etnocentrismo generalizado, no qual indivíduos de grupos sociais 'desviantes' são vistos como uma ameaça. Fatores como o fundamentalismo religioso, portanto, são identificados como potenciais causadores do acirramento entre *insiders* e *outsiders* e, conseqüentemente, propensão a preconceito religioso (LAYTHE; FINKEL; KIRKPATRICK, 2001), contra homossexuais (HUNSBERGER, 1996; JONATHAN, 2008) e racial (ROWATT; FRANKLIN, 2004).

Porém, foram com os trabalhos de Altemeyer (1981) que os efeitos cognitivos da violência sobre o autoritarismo ficaram mais claros. Em sua principal contribuição para a literatura, definiu o *Right-wing Authoritarianism* (RWA) como uma medida da percepção do mundo como um lugar hostil e perigoso, no qual a segurança coletiva, a estabilidade e a ordem são indispensáveis a qualquer custo.

Nessa perspectiva, o autoritarismo é subproduto de um estado mental de superestresse, ocasionado por uma profunda sensação de medo e impotência. Como resposta ao contexto em que se encontram, indivíduos tendem a adotar uma postura de suspeição radical. Essa postura combina uma submissão dogmática às autoridades, às regras e às convenções sociais que sustentam a realidade social como conhecida com uma resposta agressiva com o desconhecido.

Uma vez que a socialização primária oferece ambiente seguro para o primeiro contato com preferências e atitudes, autoritários tendem a resgatar seu comportamento associativo mais primário, emulando relações patriarcalistas. Ou seja, de forma análoga à regra de Hamilton, em contextos de elevada insegurança, indivíduos tendem a priorizar seus valores e relações com pares próximos, como forma de garantir seu investimento emocional nas interações em contexto de risco, a despeito disso implicar em manter uma teia de interações mais restrita e hierarquizada (OHTSUKI et al., 2006).

Tomando o RWA como preditor, trabalhos empíricos sobre tema apontam que indivíduos que apresentam maiores valores de RWA estão mais propensos à manifestações de sexismo (SIBLEY; WILSON; DUCKITT, 2007), xenofobia (THOMSEN; GREEN; SIDANIUS, 2008) e preconceito em geral (ASBROCK; SIBLEY; DUCKITT, 2010). Além disso, outras evidências sugerem que RWA está associado à defesa do uso de violência de grupos dominantes sobre dominados (HENRY et al., 2005) e maior aceitação do uso de agressão em guerras, na punição de criminosos e na educação das crianças (BENJAMIN, 2006).

É preciso, contudo, estabelecer uma distinção entre a manifestação da personalidade autoritária em líderes e em seguidores. Apesar de ambos os grupos compartilharem de uma narrativa de insegurança existencial, a ocupação de uma posição de poder produz uma diferenciação fundamental: enquanto membros autoritários da sociedade civil agem motivados por uma submissão radical a uma figura de autoridade, suas lideranças são movidos pelo reestabelecimento da ordem social (ALTEMEYER, 2006).

Coleman (1994), em seu livro *Foundations of Social Theory*, explora o caso de Charles Manson e o grupo "the Family" para argumentar sobre a transferência de autonomia em relações hierarquizadas. Após o cometimento de brutais assassinatos, um dos membros relatou que:

Sometimes I felt as though [Manson] were always with me, thinking my thoughts for me—or his through me . . . It was as though Charlie kept pulling me back, slowly but persistently, even though we'd had no contact since I walked out the back door of that Topanga Canyon cabin. I tried to fight it, but it was no use, he wouldn't let go of me. I'd seen the world I was living in and he'd warned me, and I found it just what he'd said it would be. (Watson, 1978, p. 81)

Em casos de submissão dogmática, ilustrados nesse exemplo extremo, é difícil distinguir se a motivação prepoderante dos seguidores de Manson era a "Helter Skelter"—uma cruzada racial com o propósito de punir negros — ou o culto ao seu líder.

Como efeito da sobreposição de elementos associados a confiança, tolerância e percepção de insegurança, o radicalismo ideológico associado ao RWA possui uma ocorrência esparsa na população. Nas Figuras 1 e 2 é possível comparar a distribuição da escala com o Índice de Pós-Materialismo, proposto por Inglehart e Welzel (2005) e reconhecido como um indicador preciso de comportamentos liberais e pró-democráticos. Os dados sugerem que indivíduos com valores elevados para RWA estão longes do ponto mediano e, por isso, formam uma bolha atitudinal diferente do que observamos com indivíduos com baixos valores para Pós-Materialismo.

Figura 1 – Distribuição da Escala RWA

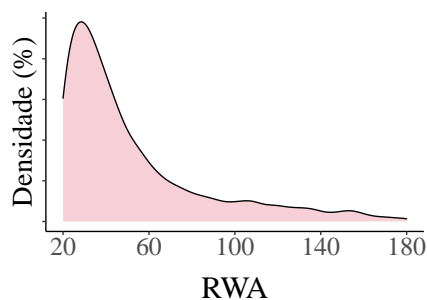
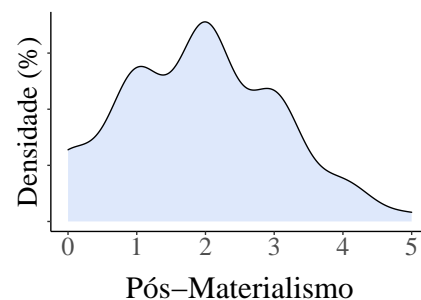
Fonte: [OPP \(2016\)](#)

Figura 2 – Distribuição do Índice de Pós-Materialismo

Fonte: [WVS \(2014\)](#)

A existência de bolhas autoritárias na população tem efeitos significativos sobre a manutenção e replicação de movimentos radicais, os quais foram explorados em artigos sobre o tema. Além da maior imunidade em relação a formas distintas de pensamento – lembre-se que o eleitor mediano e as propostas que visam-no estão distantes das faixas mais autoritárias – essa parcela do eleitorado é facilmente mobilizável por *outsiders* ou segmentos de representação dispostos a capturar suas intenções ([NORRIS, 2017](#); [ALEXANDER; WELZEL, 2017](#)).

De fato, em termos de dinâmica eleitoral, espera-se que a relação entre eleitores e representantes autoritários seja muito mais orgânica do que a interação convencional. Regimes autoritários podem angariar grande apoio popular, se uma parcela consistente da população percebe as restrição às liberdades como uma medida necessária contra ameaças e valida as fontes de informação do governo ([GEDDES; ZALLER, 1989](#); [STEIN, 2013](#)). Portanto, é intuitivo concluir que a natureza da representação política para indivíduos autoritários é marcada por fortes traços delegativos.

2.3 O discurso autoritário

O discurso é um exercício de poder. É por meio da linguagem que registramos conhecimento, leis e regras de comportamento. Estes, por sua vez, compõem as principais categorias que humanos utilizam como referencial para interpretar o mundo ao seu redor. Por exemplo, se observamos alguém furar uma fila, julgamos sua atitude como justa ou oportunista, legal ou criminosa e moral ou anti-ética. Esses termos estão diretamente conectados a instituições sociais como o Estado e a Religião.

Contudo, é importante ressaltar que, apesar dos grandes enunciados que constituem nossos guias de comportamento estarem ancorados na crença coletiva de sua validade, a capacidade de instituí-los está concentrada em poucos indivíduos ([FOUCAULT; KREMER-MARIETTI, 1969](#)). Ou seja, populações creditam legitimidade às suas leis e religiões,

porém apenas uma pequena parte da nação é capaz de exercer influência direta no conteúdo de constituições e ritos.

A existência de um ranking social, que possui lugar de destaque para poucos e de subalternidade, para muitos, possui gênese anterior a civilização como conhecemos. As assimetrias que observamos nas relações sociais são fruto de um longo histórico de disputas e competição que acompanham a trajetória de sobrevivência de todas as espécies. Nessa dinâmica, a subserviência pode ou não ser conquistada por meio da força, mas sua manutenção se dá de maneira pacífica, na medida em que é naturalizada.

Dentre as causas da hierarquia entre indivíduos, que funda a desigualdade observada na comunicação, a literatura aponta características individuais como determinantes significativos do desenvolvimento de dominância em grupos animais e humanos. Pesquisas documentam cor (BAKKER; SEVENSTER, 1983), idade (CÔTÉ, 2000; BOHLIN, 2001), peso corporal (MORGAN et al., 2000), altura (HUANG; OLSON; OLSON, 2002) e aparência (LAWSON et al., 2010; LODGE; TABER, 2013) como alguns dos preditores da posição social de um indivíduo.

Se por um lado características individuais explicam o surgimento da dominância, por outro, não são o único ingrediente do surgimento e estabilidade de cadeias de hierarquia que envolvem muitos integrantes. A disputa pelo lugar de dominância é mediada pela dinâmica interna dos grupos que compõem uma sociedade (RIDGEWAY; DIEKEMA, 1989) e, em seguida, das relações entre os grupos (CHASE, 1980; CHASE et al., 2002). Ou seja, a desigualdade é segmentada por clivagens formadas a partir de uma dinâmica complexa que envolvem aglutinações hierarquizadas de indivíduos em grupos que podem ser ordenados por status.

Como argumentam Sidanius e Pratto (2001), uma vez que grupos sociais são formados em torno de clivagens específicas – por exemplo idade, gênero, clãs, nacionalidade, religião, cor e classe social – seus integrantes reproduzem comportamento competitivo no qual buscam estabelecer superioridade. Nessa dinâmica, a formação de grupos dominantes e dominados estabelece a base da desigualdade, que consiste em uma sobreatribuição de valores positivos aos dominantes e, de valores negativos, aos dominados. Dado que discursos refletem relações de dominância presentes na sociedade, expressões linguísticas do autoritarismo tendem a carregar traços valorativos presentes no seu conteúdo ideológico: a exaltação das figuras reconhecidas como autoridade e a depreciação de grupos minoritários de status social mais baixo.

Isto posto, o autoritarismo pode ser lido como uma propriedade que emerge de sistemas sociais desiguais e hierarquizados, nos quais a dominância é reafirmada como narrativa política. Conforme argumentou-se na seção anterior, indivíduos autoritários apresentam maior propensão a expressão de preconceito e discriminação em geral. Ainda sobre o conteúdo de discursos autoritários, a literatura aponta a conexão entre

autoritarismo e demonstração de hostilidade (SIEGEL, 1956) e trabalhos que se dedicaram a investigar grupos políticos extremistas produziram resultados que sugerem que o dogmatismo político está correlacionado ao uso de discurso de ódio contra adversários e minorias (GERSTENFELD; GRANT; CHIANG, 2003; BEN-DAVID; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, 2016).

O discurso autoritário apresenta ainda dimensões relevantes no que dizem respeito a sua forma e estilo. Beauzamy (2013) argumentou que dois traços comuns ao discurso facista no passado e no presente, são: i) o uso de argumentos elaborados com base em pseudo-ciência, teorias da conspiração, considerações mágicas e exegese religiosa e ii) uso de clichês e estereótipos populares como metáforas em menções pejorativas a populações marginalizadas. Numa investigação similar, Khany e Hamzelou (2014) analisaram 20 discursos de personalidades históricas como Hitler, Stalin e Gadhafi. Como características comuns, apontaram a i) o majoritarismo e a massificação, ii) a defesa da incorruptibilidade do governo e iii) a manipulação das expectativas da opinião pública.

Em convergência com essa caracterização, Smith (1990) apresentou contribuição relevante para uma tipologia dos discursos autoritários analisando debates parlamentares acerca da “proibição do fomento a homossexualidade”, que ocorreram entre as décadas de 80 e 90, nos EUA. Segundo a autora as falas autoritárias que emergiram sobre o tema apresentavam um traço marcante: a evocação de preconceitos e associações espúrias como método de enquadrar a discussão de forma desfavorável para a população gay. Em um dos exemplos dessa atitude, a menção à soropositividade como *link* entre homossexualidade e problemas de saúde pública:

A hegemonic interpretation of the AIDS phenomenon is, for example, actually a representation of radical difference, situated within a long tradition of similar representations of 'other' social elements. This AIDS discourse is linked genealogically to popular anxieties about various diseases, communist infiltration, immigrant populations, crime 'waves', drug 'crazes', etc. (SMITH; PETTIGREW, 2015)

A conexão entre soropositividade e homossexualidade é um caso típico do fenômeno cognitivo documentado como *illusory correlation*, segundo o qual duas categorias de eventos são associadas sem que sua co-ocorrência estatística seja significativa. Além de uma inferência incorreta, capaz de estimular conclusões inadequadas, está na raiz do reforço de estereótipos de raça, gênero e sexualidade que fazem parte do discurso autoritário. Quando indivíduos percebem maior frequência relativa de comportamentos rejeitados em um grupo, há uma tendência de identificá-los como atributo intrínseco ao grupo em questão, mesmo que a ocorrência absoluta de “imposturas” seja baixa (SIDANIUS; PRATTO, 2001).

Além da frequente expressão de rejeição às populações identificadas como desviantes, discursos autoritários também envolvem constantes apelos a restauração da autoridade. Narrativas organicamente conectadas com o passado, que proclamam a restauração da ordem social e dos bons tempos que precederam o período atual tendem a ser instrumento de políticos autoritários para se colocarem como alternativas de crise (PINTO, 2004; MIETZNER, 2014).

Com isso, políticos autoritários as vezes se apresentam como alternativas radicais para condução de processos revolucionários ou de transição radical. Nesses cenários, discursos populistas que antagonizam as elites no poder com o “verdadeiro povo” são a principal estratégia eleitoral lideranças (MÜLLER, 2017; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). A proclamação de uma conexão íntima com a cultura, a tradição e os anseios da massa e o uso de forma verbal imperativa, autocentrada e reativa também são características marcantes de figuras autoritárias que buscam estabelecer uma nova hegemonia (GOLDSCHLÄGER, 1982; GOUNARI, 2018; HUNTER; POWER, 2019).

Em síntese, o discurso autoritário é marcado por forte traço de polarização entre autoridades e indivíduos desviantes. Seja por referência direta ou indireta, às autoridades são atribuídas fortuna moral e, aos deviantes, todo o mal experienciado pelos "verdadeiros cidadãos". De modo a cristalizar valores e dogmas, políticos autoritários frequentemente apelam para falas majoritaristas que relembram o passado de maneira nostálgica e ascentuam as ameaças do presente. Como solução, apresentam-se em falas imperativas e hierarquizadas como guias para retomada da ordem e segurança.

3 Como classificar Agentes Autoritários?

3.1 As estratégias convencionais

Conforme foi apresentado na seção *Autoritarismo na política*, no capítulo 2, diversos trabalhos em Ciência Política se dedicaram a identificar causas e efeitos de políticos autoritários em regimes democráticos. Para isso, utilizam-se de um conjunto de estratégias metodológicas para classificar um agente autoritário. Nesse capítulo, abordará-se os principais critérios de classificação da literatura.

3.1.1 Avaliação de Especialista

A primeira e mais popular forma de classificação baseia-se em estudos de caso de lideranças políticas, nos quais suas atitudes e comportamentos são observados a partir de pronunciamentos, discursos e presença na mídia. A partir daí, são analisados holisticamente, tomando como base um referencial teórico, e, então, são identificados ou não como autoritários.

Alguns dos exemplos dessa abordagem podem ser encontrados nos trabalhos de [Seligson \(2003\)](#), [Seligson e Tucker \(2005\)](#), [Weyland \(2013\)](#) e [Levitsky e Ziblatt \(2018\)](#). Em cada um deles, as autoras e os autores identificam características nas lideranças políticas – em geral chefes do executivo – que sugerem comportamento anti-democrático. Em algum dos casos, como o de Chavez, na Venezuela, e do General Hugo Banzer, na Bolívia, atos realizados após o início dos seus governos também fazem parte do escopo de análise.

Entre as vantagens desse modelo de classificação, a precisão certamente é a principal delas. Construindo uma narrativa com tantos elementos, a credibilidade das suas conclusões é elevada. Pesquisas que optam por realizarem estudo de casos de líderes costumam oferecer um conjunto rico e convincente de evidências para seus resultados.

Apesar da precisão na identificação, a abordagem baseada na análise de especialistas apresenta grandes limitações. Como trata-se de uma extensa coleta de informações sobre um agente político – não raramente realizada de forma não sistemática – a capacidade de replicabilidade dessas pesquisas é baixa e sua abrangência é limitada. Como recursos de pesquisa são limitados, líderes autoritários tendem a ganhar espaço nessas investigações acadêmicas apenas após ascensão para lugares de poder nos quais já representam risco para o regime democrático.

3.1.2 Análise de Movimento Político

Nas investigações da dinâmica eleitoral de movimentos autoritários em regimes democráticos, partidos políticos frequentemente são tomados como unidade de análise, porém movimentos sociais também integram essas análises (CAIANI, 2017). Como efeito, a literatura conta com um extenso histórico de pesquisas e registros que identificam a evolução desses partidos e grupos organizados ao longo da história recente, tanto no que diz respeito a desempenho como radicalização (NORRIS et al., 2005; MUDDE, 2009; CAIANI, 2017; MUDDE, 2016; MUDDE, 2017).

Como critério de classificação de partidos autoritários, a Análise de Agenda Partidária baseia-se na ideologia expressa diretamente pelos partidos, em manifestos e programas de governo, na percepção do eleitorado da sua posição no espectro político, e das suas raízes históricas (MUDDE, 2000). Frequentemente *surveys* com o eleitorado também integram fonte de informação para o enquadramento em tipologias (BOOTH; SELIGSON, 1984; BOOTH; SELIGSON, 1994; MACWILLIAMS, 2016). Como as unidades de análise estão presentes em pequeno número, ou são mensuradas de forma indireta, há, atualmente, uma grande cobertura no mapeamento realizado por pesquisadores independentes.

Um conjunto de trabalhos, que exemplifica essa abordagem, pode ser encontrada na literatura que trata de partidos políticos que herdaram, na sua fundação, recursos, conexões e ideologia dos governos autoritários que precederam as transições democráticas na América Latina (LOXTON, 2015; LOXTON, 2014; LYONS, 2016; LOXTON, 2015) e Europa Central (GRZYMALA-BUSSE, 2006).

Nessas pesquisas, a construção de uma imagem de campanha baseada em uma extensa lista de referências aos signos militares, além forte conexão dos programas de governo com plataformas securitárias e anti-comunistas, compõem o critério de demarcação. Contudo, como esclarece Mudde (2000), investigar o fenômeno do autoritarismo, a partir de uma definição ideológica, possui uma limitação no que diz respeito a falácia ecológica:

Although party ideology is said to be the most important criterion for classification, it is used only in an indirect way, i.e. through the eyes of the party itself (party name) or of the voters. (MUDDE, 2000)

Se por um lado é possível construir uma medida com grande cobertura e relativa precisão – apesar discordâncias na classificação serem tema de discussões recentes da literatura (GLASIUS, 2018; MUDDE, 2016) – por outro há uma limitação no que diz respeito a profundidade das inferências baseadas em agentes políticos agregados.

3.1.3 Survey com Elites

A utilização de dados fruto de questionários aplicados a elites está presente no histórico de produções em Ciência Política (HOFFMANN-LANGE, 2007; ANDREADIS; RUTH, 2019). Em consonância com a convergência recente da literatura para apontar papel preponderante das elites na formação da opinião pública (ZALLER et al., 1992; GABEL; SCHEVE, 2007; ACHEN; BARTELS, 2017), essa abordagem é capaz de identificar o núcleo dos principais agentes de constuição e fomento de ideologias políticas.

A literatura que trata sobre populismo é um dos exemplos recentes de uso da técnica. Trabalhos como o de Stavrakakis, Andreadis e Katsambekis (2017) e Andreadis e Stavrakakis (2017) dedicaram-se a utilizar respostas de *surveys* aplicados a parlamentares para operacionalizar critérios de classificação de partidos populistas e mensurar a organicidade do vínculo entre representantes e eleitorado populista. Além disso, Stevens, Bishin e Barr (2006) dedicaram-se a identificar componentes da dinâmica autoritária entre elites políticas e civis – no caso, a percepção de ameaça e o apoio a soluções anti-democráticas.

Como argumenta Ruth e Baracaldo (2015), a ferramenta de *survey* permite a coleta de dados atitudinais de um universo maior de indivíduos que ocupam lugar de poder em governos. Parlamentares compõem uma peça importante em governos e na formação da opinião pública, porém permanecem inexplorados pela literatura. Devido às limitações das técnicas de análise de discurso, estudos de caso e entrevistas com eleitores em i) produzir resultados para grande número de casos ou ii) medir com precisão a ideologia política das elites políticas, uma parte importante da dinâmica populista permanece desconhecida.

A posição de Ruth e Baracaldo (2015) pode ser facilmente estendida para o campo de estudos sobre autoritarismo. As técnicas revisadas ao longo desse capítulo possuem limitações semelhantes às tratadas pelo autor e, conseqüentemente, as conclusões no que diz respeito a lacunas no conhecimento sobre autoritarismo entre parlamentares permanecem válidas.

Todavia, *survey* com elites possuem graves limitações. Um dos grandes impeditivos de sua execução é o acesso restrito a população de entrevistados. Como consequência, a periodicidade de bases de dados de atitudes políticas de parlamentares costuma ser baixa. Mesmo em iniciativas como o *Comparative Candidate Survey* (CCS), que reúne dados de questionários aplicados a candidatos e políticos em exercício de diversos países, possuem itens limitados no que diz respeito a mensuração da indicadores da personalidade autoritária.

Como consequência das limitações, foram identificados apenas dois trabalhos nos quais autoritarismo foi mensurado direta ou indiretamente entre parlamentares por meio de *survey* – Stevens, Bishin e Barr (2006) e Joly, Hofmans e Loewen (2018) são os únicos representantes da abordagem encontrados na revisão bibliográfica dessa dissertação.

3.2 Análise Automatizada de Conteúdo

3.2.1 O Estado da Arte da Análise Automatizada de Conteúdo

Diante das limitações das abordagens anteriores, estratégias metodológicas que fazem uso de artefatos computacionais para otimizar processos de classificação têm se apresentado como uma solução para identificação em larga escala de atitudes e comportamentos de agentes políticos. Em particular, a literatura em Ciência Política que faz uso de Análise Automatizada de Conteúdo tem expandido seu escopo para ganhar aplicações em i) extração de informação sobre etnicidade a partir de nome (ROBERTS, 2016), ii) identificação de saliência temática em discursos de parlamentares (BATISTA; VIEIRA, 2016; MOREIRA, 2016), iii) construção de variáveis baseadas em componentes textuais (CURINI, 2015) e iv) extração de posicionamento ideológico implícito (SLAPIN; PROKSCH, 2008; CERON; CURINI; IACUS, 2016).

Os principais trabalhos de referência para classificação de parlamentares baseado em discursos concentram-se no campo de estudos sobre populismo. A partir de técnicas de codificação baseadas em dicionário de termos, algoritmos de foram capazes de replicar, com relativa precisão e elevada escalabilidade, a classificação realizada por codificadores individuais de discursos populistas (PAUWELS, 2011; ROODUIJN; PAUWELS, 2011; OLIVER; RAHN, 2016). De forma similar, outras investigações utilizaram processamento de linguagem natural para automatização de partes do processo de identificação, como o reconhecimento de entidades associadas a adjetivos populistas (KYLE; GULTCHIN, 2018) e detecção de *triplets* – tríades compostas por sujeito, verbo e predicado (ASLANIDIS, 2018).

Para além da classificação de atributos atitudinais, algoritmos de aprendizado de máquina também têm sido capazes de modelar fenômenos psicológicos complexos como discurso de ódio (DAVIDSON et al., 2017; ZAMPIERI et al., 2019), hostilidade (HOPP; VARGO, 2017; VARGO; HOPP, 2017; LIU et al., 2018), agressividade (ORASAN, 2018; SAHAY et al., 2018; NIKHIL et al., 2018) e depressão (MOWERY et al., 2016; CHEKROUD et al., 2016; ORABI et al., 2018). Esses resultados sugerem que há grande extensibilidade das aplicações, inclusive no que diz respeito a *features* psicossociais complexas, dentre elas, a personalidade autoritária.

Outra vantagem das técnicas de análise automatizada de conteúdo são sua grande versatilidade em termos de fontes e unidades de análise. A literatura angaria grande número de aplicações em *big data* provenientes de Redes Sociais, *blogs*, documentos oficiais e, no que diz respeito a Ciência Política, discursos, pronunciamentos e manifestos partidários (GRIMMER; STEWART, 2013; WILKERSON; CASAS, 2017; GENTZKOW; KELLY; TADDY, 2019). A escrita registra boa parte da atividade de agentes políticos, tanto dentro como fora do plenário. Uma vez que a comunicação é uma das principais formas de exercício

de uma mandato e meio orgânico de *accountability*, espera-se grande potencialidade dessa abordagem.

Todavia, algumas ressalvas importantes quanto a natureza dos modelos estatísticos de texto precisam ser salientadas. [Grimmer e Stewart \(2013\)](#) apresentou os 4 *Princípios da Análise Quantitativa de Texto*, são eles:

- All quantitative models of language are wrong—but some are useful.
- Quantitative methods for text amplify resources and augment humans.
- There is no globally best method for automated text analysis.
- Validate, Validate, Validate.

Os tópicos sintetizam as maiores dificuldades da literatura que consome as novas técnicas de processamento de texto. Primeiramente, há grande perda de informação do valor semântico das palavras e frases quando elas são transformadas em dados de entrada em modelo estatístico. O sarcamo, por exemplo, é um recursos linguístico frequentemente utilizado para acentuar negativas, porém é elemento relativamente subidentificado por algoritmos de análise de conteúdo ([MAYNARD; GREENWOOD, 2014](#)). Além disso, modelos de análise automatizada de conteúdo são significativamente sensíveis aos dados que recebem como *input*. Amostras diferentes são capazes de produzir resultados significativamente distintos, mesmo que compartilhem mesma fonte.

No que diz respeito ao desempenho e validação dos métodos, em artigo de [Dacrema, Cremonesi e Jannach \(2019\)](#), os autores abordaram o estado da arte dos algoritmos de recomendação. De 18 algoritmos considerados como representativos da literatura, apenas 7 foram capazes de ser replicadas de maneira apropriada e, desses, 6 apresentaram performance na revisão inferior a alternativas clássicas. Além de questionar os avanços gerados por implementações mais sofisticadas, o trabalho foi capaz de revelar graves limitações na reprodutibilidade e consistência no desempenho de técnicas de aprendizado de máquina como um todo.

Retomando o problema de pesquisa o qual esta dissertação busca resolver, de forma geral, avalia-se que o universo de *Text as Data* apresenta uma saída consistente para a classificação de políticos autoritários. O potencial para processamento de grandes bancos de dados, com a possibilidade de modelar características individuais complexas, permite uma abordagem abrangente das atitudes de atores políticos cujo ofício implica no exercício da oratória.

Conforme argumentou-se no Capítulo 2, para lideranças autoritárias, discursos são ferramentas de mobilização do seu eleitorado cativo. Nas democracias contemporâneas, é por meio da fala, carregada de traços marcantes, que estes agentes políticos sedimentam

e usufruem da dominância que estabelecem. A literatura converge para apontar que indivíduos dominantes tendem a utilizar mais tempo de fala e maior eloquência em seus discursos. Portanto espera-se que um parlamentar autoritário utilize com maior frequência seu espaço no plenário e, com isso, forneça dados suficientes para sua identificação e minimizar a ocorrência de falsos negativos.

Autoritários silenciosos são tão raros quanto democratas no comando de ditaduras.

3.2.2 Propondo um novo Critério de Classificação

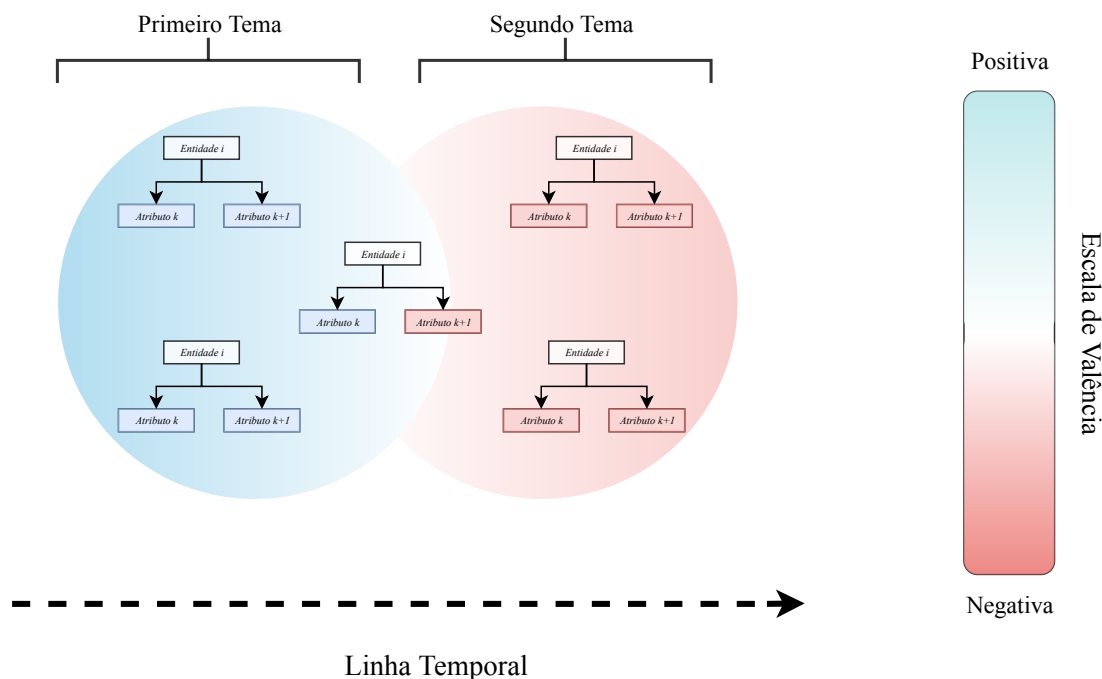
Como forma de identificação alternativa de políticos autoritários, que possibilite a categorização em larga escala, de forma ágil e generalizável, propõe-se um modelo baseado na análise automatizada de discursos e falas de agentes políticos. Atualmente, a comunicação política tem sido cada vez mais registrada em bancos de dados ou se proliferado em canais que possibilitam a coleta e armazenagem. Esse dado disponibiliza a operacionalização de técnicas que estimem atitudes políticas a partir de texto. Nos parágrafos a seguir, serão detalhados os passos e pressupostos dessa empreitada.

Como ponto de partida, assume-se que discursos políticos se estruturam em torno de elementos e dimensões fundamentais, que retêm uma parcela fundamental sobre seu sentido e significado. Ao longo de uma fala, parlamentares percorrem o Tempo – que diz respeito tanto a um recurso limitado como a uma sequência linear em que frase se encadeiam – e Temas – que constituem agrupamentos amplos de sentenças que as conectam em torno de um sentido. Dispostos em Tempo e Tema, estão 2 elementos fundamentais da comunicação: Entidades e Atributos. Enquanto Entidades são objetos linguísticos que podem ser nomeados – como o sujeito de uma frase – Atributos funcionam como descritores das Entidades – como adjetivos e advérbios, uma vez que comportam valor de característica.

Figura 3 representa um diagrama simplicado do discurso político. A partir dele, pode-se compreender a dinâmica entre os elementos fundamentais e suas dimensões. Temas e Tempo ganham significado a medida em que um orador dispõem em sua fala sentenças que conectam Atributos às Entidades. Uma vez que discursos políticos envolvem expressão de valor, espera-se que Atributos possuam uma polaridade – positiva e negativa – e que, por isso, funcionam como dispositivos para demarcar um posicionamento favorável ou desfavorável. Quanto mais Atributos negativos são utilizados para caracterizar as Entidades mencionadas sobre um tema, mais negativo será a compreensão geral das sentenças sobre o Tema.

Na Figura 3, as Entidades mencionadas no início do discurso tanto recebem atributos positivos como compartilham de uma atmosférica temática de maior valência. No outro extremo, as Entidades mencionadas ao final do discurso possuem o inverso dessas

Figura 3 – Diagrama do Discurso Político



Fonte: elaboração do autor

características – Atributos e Tema e negativos. Portanto, pode-se inferir que, no escopo de Entidades do orador, seu posicionamento variou da simpatia manifesta no início da fala até a rejeição, ao final. Essa dinâmica discursiva remete ao caráter hierárquico da estrutura textual, na qual termos são unidades básicas da linguagem, sentenças concatenam sentido no nível local, e temas consolidam grandes conjuntos de expressão.

Um exemplo prático dessa dinâmica está presente nas contribuições de [Smith \(1990\)](#). Nas falas de parlamentares analisadas pela autora, a expressão de rejeição à minorias apresentou dois modos típicos: i) a atribuição direta de características negativas e ii) o estabelecimento de uma correlação ilusória a partir da menção de Entidades em Temas carregados de polaridade negativa – como crime, entorpecentes e problemas de incivilidade. Do ponto de vista dos ouvintes, um grupo social que compartilha um mesmo espaço semântico que elementos popularmente reprovados também é passível de estigma. De forma simétrica, a exaltação de Entidades associadas às autoridades se dá pelos mesmos mecanismos.

Além do uso de Atributos, a posição em relação a uma Entidade é fortemente marcada pela frequência em que é mencionada nas falas de um agente. A saliência temática demarca tanto clivagens políticas como espaços de embate, uma vez que, no contexto de recursos limitados, é o principal indicativo de quais são as questões prioritárias. A recorrência na menção de uma pauta ou maior investimento de tempo de fala em discursos

nos quais é mencionada eleva a magnitude das opiniões mobilizadas em torno dela e é determinante da ideologia do orador.

É intuitivo assumir, ainda, que Entidades, Atributos e Temas são elementos que se combinam de forma complexa em discursos politizados com o propósito de expressar conteúdo ideológico. Ou seja, é possível utilizar informação da fala dos oradores para inferir posicionamentos latentes e, no caso deste trabalho, estimar seus níveis de RWA. Para isso, assume-se que a Valência expressa em relação a certas classes de Entidade pode ser traduzida em adesão à grupos dominantes – polaridade positiva – e rejeição à grupos dominados – polaridade negativa.

No Quadro 1 é possível observar uma tipologia de Entidades baseada na escala original proposta por Altemeyer (2006) e nas versões brasileiras das escalas de RWA e F, adaptadas respectivamente por Vilanova et al. (2018) e Filho et al. (2018). As divisões do quadro correspondem aos Componentes que Integram a Escala RWA, aos Valores que representam dimensões específicas nas quais cada componentes se manifesta. As Raízes são porções genéricas de palavras, sem prefixo, sufixos e conjugações, e no quadro elas identificam as principais Entidades que representativas de cada Valor. Para definí-las, tomou-se como base o trabalho realizado por Moreira (2016), que mapeou os tópicos constitutivos do debate político brasileiro a partir do resultado de *expressed agenda model* e dados textuais de pronunciamento parlamentares.

Quadro 1 - Tipologia de Entidades

Componente	Valor	Raízes
Submissão à Autoridade	Ufanismo	<i>raiz,raiz,raiz,raiz</i>
	Radicalismo Religioso	<i>raiz,raiz,raiz</i>
Agressividade Autoritária	Punitivismo	<i>raiz,raiz,raiz,raiz,raiz</i>
	Patriarcalismo	<i>raiz,raiz</i>
	Rejeição à Diversidade	<i>raiz,raiz,raiz</i>
Convencionalismo	Majoritarismo	<i>raiz</i>
	Hierarquia	<i>raiz,raiz,raiz,raiz,raiz,raiz</i>
	Anti-cientificismo	<i>raiz,raiz,raiz,raiz</i>

Fonte: elaboração do autor com dados de Moreira (2016)

No contexto brasileiro, Ufanismo, Majoritarismo e Punitivismo são elementos centrais da narrativa que saúda o passado e propõem uma saída centralizadora e monotônica, que se utiliza do militarismo, para restauração. Entre os questionários originais e adaptados,

estão presentes fortes referências a salvação do país por meio de punição mais rígidas e laços mais entrelaçados entre Estado e Sociedade Civil. Alguns dos exemplos são:

1. Do jeito que as coisas estão indo nesse país, serão necessárias medidas severas para endireitar os meliantes, os criminosos e os perversos.
2. A situação do nosso país está ficando tão séria que ações firmes seriam justificadas se eliminassem os desordeiros e nos levassem de volta ao nosso verdadeiro caminho.
6. O que o nosso país realmente precisa é uma dose forte e dura de lei e ordem.
29. Nosso país será melhor se obedecermos nossos líderes.
34. Nosso país será melhor se mostrarmos respeito à autoridade.
3. Não há nada pior do que uma pessoa que não sente profundo amor, gratidão e respeito por seus pais

([VILANOVA et al., 2018](#); [FILHO et al., 2018](#))

Além de aspectos políticos, também é possível observar uma dimensão associada a atitudes e comportamentos captada pelos valores de Radicalismo Religioso, Patriarcalismo e Rejeição à Diversidade. Cada um dispõe de um conjunto próprio de julgamentos que segmentam a população entre “bons” e “maus”, oferecendo as bases para discriminação e intolerância contra grupos vulneráveis, minorias e indivíduos que questionam a autoridade e a tradição. É possível visualizar alguns desses elementos normativos a partir das afirmativas:

15. As pessoas devem estar prontas para desafiar leis com as quais elas não concordam.
18. As pessoas deveriam ter as suas próprias preferências sexuais, mesmo se isso torná-las diferentes do resto da sociedade.
19. Não há nada de errado com sexo antes do casamento.
21. As pessoas deveriam ter os seus próprios estilos de vida mesmo se isso torná-las diferentes do resto da sociedade.
24. As leis de Deus sobre aborto, pornografia e casamento devem ser seguidas à risca antes que seja tarde demais.
6. Todos devemos ter fé absoluta em um poder sobrenatural, cujas decisões devemos acatar.
10. Os homossexuais são quase criminosos e deveriam receber um castigo severo.

([VILANOVA et al., 2018](#); [FILHO et al., 2018](#))

Por fim, a Hierarquia e Anti-cientificismo celam um bloqueio triplo contra as principais fontes de contestação na sociedade: aqueles que não ocupam a posição de poder e aqueles que produzem novos conhecimentos. Autoritários tendem rejeitar contestações a suas crenças e apregam-se veementemente aos papéis sociais tradicionais, naturalizando a desigualdade. Buscando identificar esse tipo de disposição, os questionários incluem as afirmativas:

- 16. Estudantes de colégios e universidades devem ser encorajados a desafiar, criticar e confrontar autoridades.
- 13. A ciência tem o seu lugar, mas há muitas coisas importantes que a mente humana jamais poderá compreender.
- 14. Os homens podem ser divididos em duas classes definidas: os fracos e os fortes.
- 16. Pobreza é consequência da falta de vontade de querer trabalhar.

(VILANOVA et al., 2018; FILHO et al., 2018)

Como forma de mensurar o RWA a partir das falas de agentes políticos, tomou-se a expressão direta – a nível de sentença – e indireta – a nível de contexto – de adesão a cada um desses valores como indicativo de maior afinidade ao autoritarismo. A essa medida de propensão, deu-se o nome de escala de Valores Autoritários.

A Equação 3.1 especifica a estimação de expressão direta. Dado um Valor v , que compõem uma das dimensões do RWA, a adesão de um agente político se expressa pela razão da diferença entre o número de sentenças positivas – Pos_v – e o número de sentenças negativas – Neg_v – que mencionam alguma das Raízes que compõem a tipologia de Entidades no Quadro 1 e o número de sentenças de sentimento mais frequente – Pos_v ou Neg_v .

$$\beta_v = \begin{cases} \frac{Pos_v - Neg_v}{Pos_v}, & \text{se } Pos > Neg \\ \frac{Pos_v - Neg_v}{Neg_v}, & \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (3.1)$$

A Equação 3.2 especifica a estimação de expressão indireta. Dado o contexto do Discurso k , em que Entidades que compõem uma das dimensões do RWA são mencionadas, a adesão indireta de um agente político se expressa pela razão da diferença entre o número de sentenças positivas – Pos_k – e o número de sentenças negativas – Neg_k – contidas no contexto e o número de sentenças de sentimento mais frequente – Pos_k ou Neg_k .

$$\gamma_k = \begin{cases} \frac{Pos_k - Neg_k}{Pos_k}, & \text{se } Pos > Neg \\ \frac{Pos_k - Neg_k}{Neg_k}, & \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (3.2)$$

As estimativas geradas pelas Equações 3.1 e 3.2 resultam em valores que pertencem ao intervalo $[-1, 1]$, em que quanto mais próximo de 1, maior a probabilidade de adesão a um dos Valores que compõem a escala de Valores Autoritários e, mais próximo de -1, menor a probabilidade de adesão.

Por fim, o indicador final é composto pela soma ponderada das duas estimativas, especificada na Equação 3.3. A escala de adesão, representada por θ , também varia no intervalo $[-1, 1]$. A Equação 3.4 representa a normalização do valor de θ . Se um indivíduo possui resultante positiva, então apresenta algum nível de adesão ao valor autoritário e soma 1 ponto na Escala de Valores Autoritários. Como tratam-se de 8 Valores, a escala varia entre 0 – rejeição de todos os Valores autoritários – e 8 – adesão à todos os valores autoritários.

$$\theta_{vk} = 0.75 * \beta_v + 0.25 * \gamma_k \quad (3.3)$$

$$AuthVal_v = \begin{cases} 1, & \text{se } \theta_{vk} > 0 \\ 0, & \text{caso contrário.} \end{cases} \quad (3.4)$$

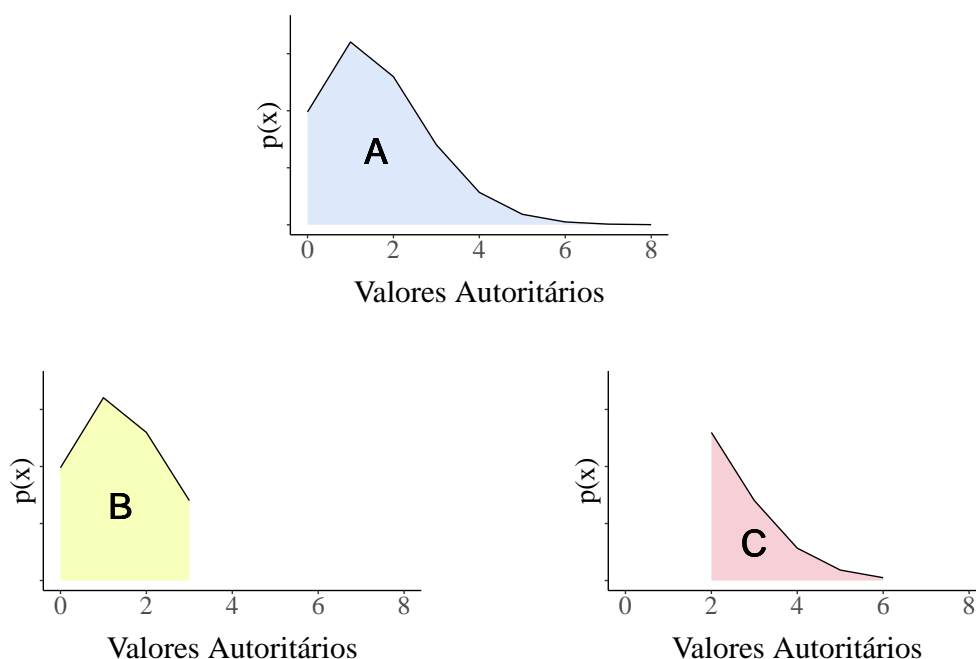
Tomando um exemplo anedótico, para o valor de Punitivismo, um indivíduo que manifestou $\beta = 0.5$ – portanto se inclinou diretamente ao Valor – e $\gamma = -0.8$ – inserindo a menção ao Valor em um contexto muito negativo – apresenta $\theta = 0.175$ e, assim, recebe 1 ponto na escala de Valores Autoritários – *AuthVal*. Para definir os pesos dos componentes de θ , tomou-se como referência a literatura que trata de *Social Desirability Bias*. Trabalhos que estimaram a subnotificação de compra de votos, xenofobia e racismo apresentaram resultados entre 20% e 30% (RUDMIN, 1999; HEERWIG; MCCABE, 2009; GONZALEZ-OCANTOS et al., 2012).

É necessário, contudo, lidar com um fator adicional. Como agentes políticos possuem agendas diferentes, é esperado que apenas uma parte dos oradores façam menção à todos os Valores da escala de Valores Autoritários, seja para manifestar adesão ou rejeição. Um parlamentar que possui pautas sanitárias como centro da sua representação, por exemplo, tende a se manifestar sobre questões punitivas com menor frequência. Como efeito, a escala apresenta viés de seleção e incorpora efeitos endógenos da saliência temática dos agentes políticos.

Como forma de aproximar a escala de Valores Autoritários de um indicador consistente de RWA, utilizou-se inferência bayesiana. Nesse sentido, a estimativa de RWA de um agente político é composta por uma porção de informação a priori, que envolve o que sabe-se sobre a distribuição de RWA na população, e uma porção de informação definida pela verossimilhança, que obtem-se a partir dos dados, decomposta pela escala de Valores Autoritários.

Como informação a priori, assume-se que o RWA entre agentes políticos segue uma distribuição Poisson, tal como sugerem os dados coletados a partir de respostas para questionário original, como na Figura 1. Uma vez que foram delimitados 8 conjuntos de Valores, a distribuição pertence ao intervalo $[0, 8]$, de parâmetro $\lambda = 1.62$ ¹. Para inferir uma média de RWA para a população, basta calcular a esperança da distribuição ao longo de todo o intervalo, representada pela área A na Figura 4.

Figura 4 – Priori RWA



Fonte: elaboração do autor

Como ponto de partida, é intuitivo atribuir o valor médio a um agente político qualquer. Porém, na medida em que adquirimos mais informação, mensurando a escala de Valores Autoritários, é possível introduzir condicionais no cálculo da esperança, restringindo o espaço de eventos e conseguindo alcançar um valor médio que converge para um ponto mais preciso.

Na Figura 4, na área B, também é possível visualizar o polígono resultante de um indivíduo que se manifestou sobre 5 dos 8 Valores e rejeitou todos. Como efeito, dois cenários extremos são possíveis, caso se manifestasse sobre os outros 3 Valores: rejeitar todos ou aderir a todos. Com isso, a área que corresponde o espaço de eventos restringe ao polígono formado pela distribuição no intervalo $[0, 3]$. Já na área C, é possível visualizar a representação de um indivíduo que se manifestou sobre 4 Valores, aderiu a 2 deles e rejeitou outros 2. Nesse caso, os cenários extremos são: rejeitar os outros 4 e aderir a todos

¹ O parâmetro λ foi estimado a partir dos microdados de [OPP \(2016\)](#). Para isso, tomou-se a média da escala de RWA dos respondentes que levaram até o quantil 95 de tempo para responder o questionário e que cometaram no máximo até 2 erros, de 16, nas questões de validação.

eles. Assim, o RWA estimado se retringe a esperança da distribuição no intervalo $[2, 6]$. Comparativamente, o valor de RWA estimado para os casos A, B e C são, respectivamente, 1.62, 1.37 e 2.68.

Alguns detalhes importantes nos procedimentos de estimação são que a distribuição a priori, especificada na Equação 3.5 e visível na distribuição da área A, na Figura 4 resguarda os pressupostos de uma distribuição de probabilidade. Para que os polígonos gerados a partir da restrição de intervalos, como no caso das áreas B e C da Figura 4, contudo, é necessário atualizar os valores da variável aleatória para que a integral da função de probabilidade resulte em 1, conforme especifica a função composta na Equação 3.6.

A inclusão de num novo componente no denominador, que consiste na soma das probabilidades dos valores que compõem o intervalo $[L, U]$, tem como efeito normalizar as probabilidades no polígono. Ou seja, a escala de Valores Autoritários entrega os parâmetros de *upper bound* e *lower bound*, utilizados para definir o espaço de eventos. Por fim, a Equação 3.7 especifica o cálculo da esperança da distribuição que tem como resultante o valor estimado de RWA.

$$f(x) = \frac{e^{-\lambda} \lambda^x}{x!} \quad (3.5)$$

$$g \circ f(x, L, U) = \frac{e^{-\lambda} \lambda^x}{x! \sum_{k=L}^U f(k)} \quad (3.6)$$

$$E(x|L, U) = \int_L^U g \circ f(x, L, U) x dx \quad (3.7)$$

É possível observar a proporcionalidade entre a quantidade de Valores Autoritários e o RWA estimado, porém os resultados obtidos por meio de atualização bayesiana apresentam correções contra subestimação e viés de seleção.

3.2.3 Operacionalizando a Estimação dos Metaparâmetros

Do ponto de vista da operacionabilidade do critério de classificação proposto, é necessário resolver o desafio de mensurar os parâmetros das funções que definem o Apoio à Entidades Dominantes e Subalternas. Para isso, algoritmos de inteligência artificial oferecem soluções para o problema. Em especial, serão utilizadas três técnicas que, respectivamente, i) identificam os tópicos principais de uma coleção de discursos, ii) reconhecem entidades textuais em uma sentença e iii) mensuram a valência de uma sentença. São elas o LDA (Latent Dirichlet Allocation), NER (*Named-Entity Recognition*) e Análise de Sentimentos.

O LDA é uma técnica de identificação de tópicos em um *corpus* textual, ou seja, um conjunto de documentos, proposto por [Blei, Ng e Jordan \(2003\)](#). Trata-se de um algoritmo

não-supervisionado – que portanto não necessita ser especificado – que toma documentos como o produto da geração de palavras por k tópicos e possui como *output* listas de termos representativos para cada conjunto. O LDA é bastante popular na literatura e conta com implementações para as ferramentas mais utilizadas pelas comunidade. Entre as premissas do modelo estão:

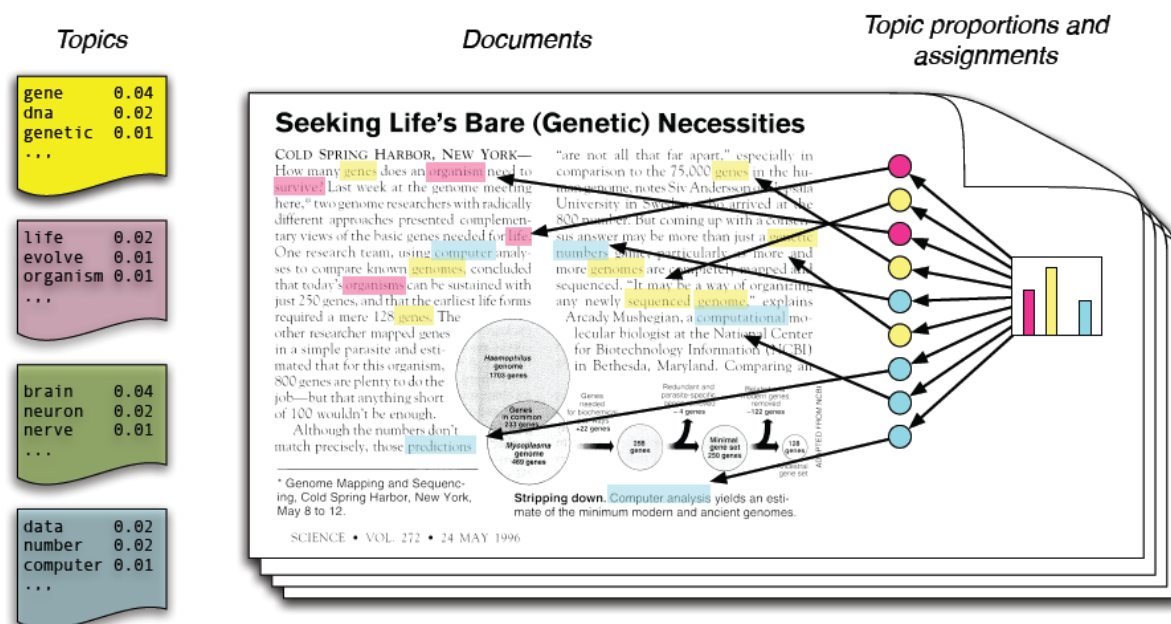
- A distribuição da ocorrência de termos constitui uma variável latente para temas e tópicos em um texto.
- A frequência das palavras nas sentenças segue uma distribuição *Poisson*, representada por pela variável aleatória N .
- A probabilidade associada ao pertencimento de um tópico está associado a uma variável aleatória de distribuição *Dirichlet* de dimensão k .
- Tópicos identificados no LDA possuem a propriedade estatística de permutabilidade, ou seja, são independentes entre si em cada documento.

Como consequência do terceiro item, o LDA não se trata de um classificador de palavras, como cada tópico é independente dentro de cada documento, os termos gerados pelo algoritmo para compor cada um dos conjuntos de termos representativos, alguns deles podem estar presente em mais de um tópico. Todavia, uma estratégia simples para adaptar a técnica para fins de classificação é atribuir, a um trecho textual, o tópico com o qual compartilha mais termos. A partir daí, para mensurar a valência média de cada tópico, basta calcular a média da valência das sentenças de todos os trechos textuais associados.

Na Figura 4 é possível visualizar um diagrama do processo generativo de palavras, sua correspondência com os tópicos e proporção nos documentos proposto por [Rain \(2015\)](#). No exemplo do autor, LDA está utilizado para classificar tópicos em um artigo sobre “evolução e o uso de análise de dados para determinar o número de genes que um organismo necessita para sobreviver”. Apesar de cada tópico não possuir valência como uma dimensão adjacente, uma analogia como a aplicação que propõem-se é utilizá-los como um indicador de temas. Basedo na proporção de termos, ao primeiro parágrafo, imputa-se o tema vermelho, ao segundo, amarelo e ao terceiro, azul.

No que diz respeito a NER, trata-se de um conjunto de técnicas classificação automatizada de entidades linguísticas bastante utilizadas no *Natural Language Processing* (NLP). Conforme foi exposto na seção anterior, entidades são componentes de sentenças que dizem respeito a nomes de pessoas, organizações e, no caso de aplicação desta pesquisa, grupos marginalizados e populações sensíveis, por exemplo. Para identificá-las e assinalar a classe ao qual pertencem, grandes esforços coletivos têm sido realizados para elaboração de extensas bases textuais codificadas manualmente. A partir delas, modelos de *Machine Learning* são treinados para replicar a codificação de forma automatizada.

Figura 5 – Diagrama do Modelo Generativo no LDA



Fonte: Rain (2015)

O processo de treinamento de um modelo de NLP consiste num fluxo de etapas nos informação é i) extraída, ii) processada, iii) modelada e iv) encapsulada em um artefato capaz de devolver *outputs* textuais ou numéricos, dado *inputs* textuais. Na primeira etapa são selecionadas as porções de texto que carregam a principal parcela informacional para modelos, que podem ser toda palavra que não é uma *stop word* – como preposições e conjunções – ou apenas suas raízes – por exemplo, a raiz das palavras “trabalho” e “trabalhador” é “trabalh” – para reduzir o número de componentes. Depois, cada termo é codificado em valores numéricos a partir de um modelo de representação chamado *Word2Vec*². A partir daí, os vetores de valores são utilizados como variáveis independentes, ou *features*, em um algoritmo cujo objetivo é otimizar os parâmetros da função que os associa a uma variável dependente, ou *target*. Em NER, o *target* trata-se de uma variável com diversas classes de entidades.

Um dos bancos de dados públicos para treinamento de modelos de NER é o *Universal Dependencies for Portuguese* (UDP), organizado por Rademaker et al. (2017). Trata-se de um banco de dados com 9.365 sentenças e 210.960 termos estruturados a partir de 530 regras gramaticais e tipificados em 17 categorias de entidades. Em comparação com outros bancos de dados, o UDP possui tamanho reduzido e grande qualidade, especialmente quando levamos em consideração que possui maior número de categorias identificadas (SEKINE, 2004). Isso se deve ao fato de que trata-se de uma recategorização de sentenças analisadas gramaticalmente, as quais integram a coleção *Bosque*, abastecida há mais de 15 anos por linguistas e gramáticos.

² Explicar Word2Vec

Outro exemplo de desse tipo de *dataset*, é o *WikiNER*, organizado por [Nothman et al. \(2013\)](#). A equipe liderou o projeto que classificou manualmente 7.200 artigos do Wikipédia, utilizando de técnicas de *Semi-Supervised Learning* para acelerar a coleta de informação relevante, reunindo mais de 2 milhões de termos tipificados em 4 categorias. Em comparação ao UDP, o WikiNER possui menor granularidade – menos categorias – e uma classificação manual menos ortodoxa, porém o número substancialmente maior de informação. No procedimento de classificação, as *tags* do site servem de atalhos para reconhecer entidades.

Tomando as duas fontes para o treinamento de algoritmos de classificação automatizada, ferramentas abertas para a comunidade, como o *spaCy* atingem 89% de precisão para língua portuguesa. Apesar de avanços significativos, todavia, os modelos de decodificação desse tipo de dado ainda não são capazes de detectar relações sofisticadas de dependência entre Atributos e Entidades – segundo o esquema da Figura 3. Portanto, só é possível mensurar valência a nível de sentença e, imputar com algum nível de ruído, o valor da medida para as Entidades mencionadas na sentença.

Com relação a Análise de Sentimentos, assim como outras técnicas, trata-se de uma solução algorítmica para análise de textos, mais especificamente para extração e identificação de emoções, sentimentos e atitudes. Ao longo das três últimas décadas, tem sido cada vez mais utilizada para a automatização no processamento de *reviews* no mercado digital e extração de *features* da dados textuais de opinião pública. Quanto as premissas do modelo e o tipo de resposta que oferece, algoritmos dessa natureza partem do postulado de que toda sentença possui uma valência, ou seja, um posicionamento latente que pode ser tipificado em pró, contra ou neutro – frequentemente convertidos em valores como -1,0 e 1 – que representam as classes do *target* na otimização do modelo ([SERRANO-GUERRERO et al., 2015](#); [MÄNTYLÄ](#); [GRAZIOTIN](#); [KUUTILA, 2018](#)).

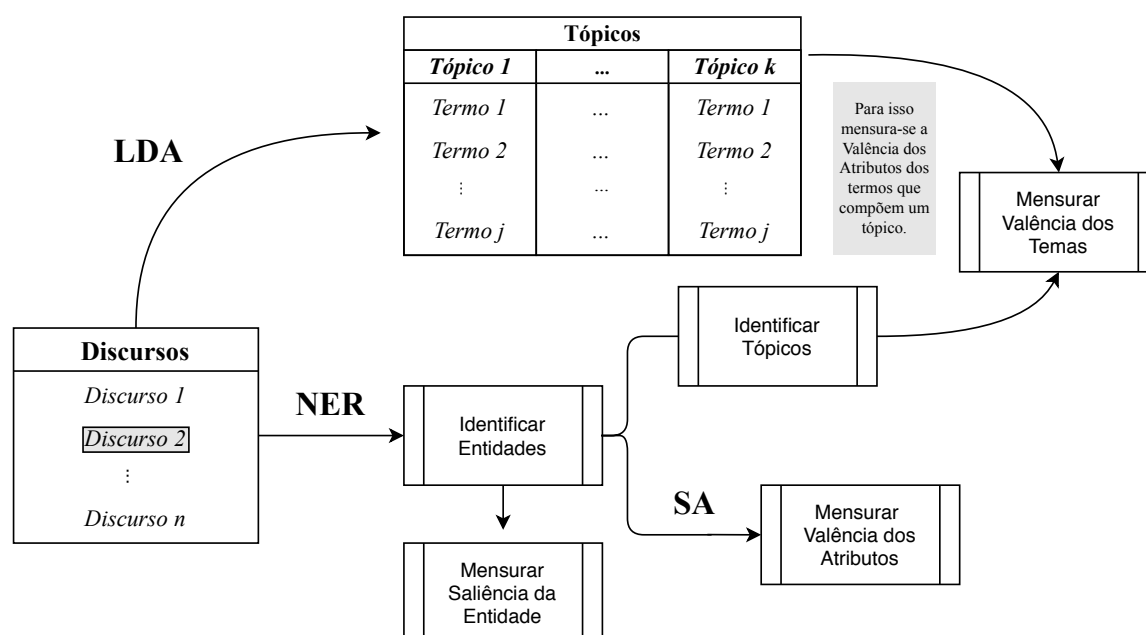
Uma das formas de calibrar o algoritmo consiste no uso de dicionários codificados, construídos a partir da classificação de termos e expressões que carregam carga semântica negativa ou positiva. Nesse sentido, alguns dos modelos propostos na literatura ancoram-se em artefatos produzidos no campo da linguística e psicologia para conectar palavras a sentimentos, inclusive com grande complexidade. Um desses exemplos é o PANAS-t, desenvolvido por [Gonçalves, Benevenuto e Cha \(2013\)](#), que baseia-se na escala psicométrica PNAS, proposta por [Watson, Clark e Tellegen \(1988\)](#) e posteriormente estendida por [Watson e Clark \(1994\)](#). A escala, elaborada a partir de entrevistas nas quais respondentes descreviam como se sentiam em relação a certos eventos, identifica expressões associadas a afeição e rejeição.

Anos antes, [Bollen, Mao e Pepe \(2010\)](#) apresentaram um modelo baseado na escala POMS ([MCNAIR](#); [HEUCHERT](#); [SHILONY, 2003](#)) que, partindo da mesma estratégia, identificava a valência de uma sentença a partir da frequência relativa de suas palavras e suas

correspondências como a tipologia estabelecida. Contudo, o estado da arte das estratégias baseadas em dicionários é ocupado por combinações de tipologias, uso de fontes mistas – como *emojicons* – e processos generativos automatizados, como a interpolação da valência de uma palavra para seus sinônimos e tipificação baseada em coocorrência (HOGENBOOM et al., 2013; HUTTO; GILBERT, 2014; THELWALL et al., 2014; CANUTO; GONÇALVES; BENEVENUTO, 2016).

Uma alternativa às técnicas baseadas em dicionários são os modelos de *Machine Learning* que tomam texto como *features* na previsão de uma *target* rotulado, semelhante a estratégia utilizada em NER. O primeiro trabalho a adotar essa abordagem foi apresentado por Pang, Lee e Vaithyanathan (2002) que, se utilizando de uma base de *reviews* de produtos, tomou das *n-grams* – sequências contínuas de palavras – das sentenças como *inputs*. Atualmente, a literatura conta com modelos de elevadíssimo desempenho, dos quais também se utilizam de procedimentos como o *Word2Vec*, que atingem grande precisão de classificação mesmo como bases de treinamento rotuladas por não-especialistas (HOWARD; RUDER, 2018; SUN et al., 2019; YANG et al., 2019).

Figura 6 – Diagrama da Operacionalização das Estimativas



Fonte: elaboração do autor

Na Figura 5 é possível visualizar o diagrama dos processos de estimação dos componentes que compõem os indicadores de Apoio à Entidades Dominantes e Apoio à Entidades Minoritárias. De maneira sintética, utiliza-se LDA para mapear as principais palavras que compõem cada um dos tópicos que segmentam os discursos políticos, para isso utiliza-se todo o escopo de textos da base de dados. Assume-se que cada tópico implica em um tema, que temas ocorrem no nível de parágrafo e que a valência das sentenças de ocorrência desses termos, mensurada por SA, correspondem a valência do tema.

Para identificar a afeição ou rejeição direta de um orador em relação à grupos específicos, utiliza-se NER para identificar as entidades mencionadas em seus discursos e mensura-se a valência das sentenças de ocorrência dessas entidades, por meio de SA, como *proxy* da atitude em relação a elas. Com as medidas da Valência Média do Temas e a Valência Média das Entidades, compõem-se os indicadores de Apoio à Entidades Subalternas e Apoio à Entidades Dominantes. Um aspecto importante de ser ressaltado na arquitetura do algoritmo, é sua capacidade de mapear opiniões no nível de sentença e do contexto no qual estão inseridas.

4 Prova de Conceito: o caso da Câmara dos Deputados

O

4.1 Coletando dados

4.2 Estimando meta-parâmetros textuais

4.3 Avaliando resultados

Referências

- ACHEN, C. H.; BARTELS, L. M. *Democracy for realists: Why elections do not produce responsive government*. [S.l.]: Princeton University Press, 2017. v. 4. Citado na página 35.
- ADORNO, T. W. et al. *The authoritarian personality*. [S.l.]: Harper New York, 1950. Citado na página 25.
- ALEXANDER, A. C.; WELZEL, C. The myth of deconsolidation: Rising liberalism and the populist reaction. *Journal of Democracy Web Exchange*, 2017. Citado na página 28.
- ALTEMEYER, B. *Right-wing authoritarianism*. [S.l.]: University of Manitoba press, 1981. Citado na página 26.
- ALTEMEYER, B. *The authoritarians*. [S.l.]: University of Manitoba Press, 2006. Citado 2 vezes nas páginas 27 e 40.
- ALTEMEYER, R. A.; ALTEMEYER, B. *The authoritarian specter*. [S.l.]: Harvard University Press, 1996. Citado na página 21.
- ANDREADIS, I.; RUTH, S. P. Elite surveys. In: *The Ideational Approach to Populism: Concept, Theory, and Analysis*. [S.l.]: Democracy and Extremism Series, Routledge, 2019. p. 112–127. Citado na página 35.
- ANDREADIS, I.; STAVRAKAKIS, Y. European populist parties in government: How well are voters represented? evidence from greece. *Swiss Political Science Review*, Wiley Online Library, v. 23, n. 4, p. 485–508, 2017. Citado na página 35.
- ASBROCK, F.; SIBLEY, C. G.; DUCKITT, J. Right-wing authoritarianism and social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice: A longitudinal test. *European Journal of Personality: Published for the European Association of Personality Psychology*, Wiley Online Library, v. 24, n. 4, p. 324–340, 2010. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 27.
- ASLANIDIS, P. Measuring populist discourse with semantic text analysis: an application on grassroots populist mobilization. *Quality & Quantity*, Springer, v. 52, n. 3, p. 1241–1263, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 36.
- BAKKER, T. C.; SEVENSTER, P. Determinants of dominance in male sticklebacks (*Gasterosteus aculeatus* L.). *Behaviour*, Brill, v. 86, n. 1-2, p. 55–71, 1983. Citado na página 29.
- BATISTA, M.; VIEIRA, B. Mensurando saliência: uma medida com base em ênfase na agenda legislativa do Brasil (1995–2014). *Primeira Versão. Manuscrito apresentado para X ABCP*, 2016. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 36.
- BEAUZAMY, B. Discontinuities of extreme-right political actors? overt and covert antisemitism in the contemporary French radical right. In: *Analysing Fascist Discourse: European Fascism in Talk and Text*. [S.l.]: Routledge, 2013. v. 5, p. 163. Citado na página 30.

BEN-DAVID, A.; MATAMOROS-FERNÁNDEZ, A. Hate speech and covert discrimination on social media: Monitoring the facebook pages of extreme-right political parties in Spain. *International Journal of Communication*, USC Annenberg Center, v. 10, p. 1167–1193, 2016. Citado na página 30.

BENJAMIN, A. J. The relationship between right-wing authoritarianism and attitudes toward violence: Further validation of the attitudes toward violence scale. *Social Behavior and Personality: an international journal*, Scientific Journal Publishers, v. 34, n. 8, p. 923–926, 2006. Citado na página 27.

BLEI, D. M.; NG, A. Y.; JORDAN, M. I. Latent dirichlet allocation. *Journal of machine Learning research*, v. 3, n. Jan, p. 993–1022, 2003. Citado na página 45.

BOHLIN, L. C. *Determinants of young children's leadership and dominance strategies during play*. Tese (Doutorado) — ProQuest Information & Learning, 2001. Citado na página 29.

BOLLEN, J.; MAO, H.; PEPE, A. Determining the public mood state by analysis of microblogging posts. In: *ALIFE*. [S.l.: s.n.], 2010. p. 667–668. Citado na página 48.

BOOTH, J. A.; SELIGSON, M. A. The political culture of authoritarianism in Mexico: a reexamination. *Latin American Research Review*, JSTOR, v. 19, n. 1, p. 106–124, 1984. Citado 3 vezes nas páginas 21, 23 e 34.

BOOTH, J. A.; SELIGSON, M. A. Paths to democracy and the political culture of Costa Rica, Mexico, and Nicaragua. *Political culture and democracy in developing countries*, Lynne Rienner Boulder, CO, p. 99–130, 1994. Citado na página 34.

CAIANI, M. Radical right-wing movements: Who, when, how, and why? *Sociopedia. isa*, p. 1–15, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 34.

CANUTO, S.; GONÇALVES, M. A.; BENEVENUTO, F. Exploiting new sentiment-based meta-level features for effective sentiment analysis. In: *Proceedings of the ninth ACM international conference on web search and data mining*. [S.l.: s.n.], 2016. p. 53–62. Citado na página 49.

CERON, A.; CURINI, L.; IACUS, S. M. First-and second-level agenda setting in the twittersphere: An application to the Italian political debate. *Journal of Information Technology & Politics*, Taylor & Francis, v. 13, n. 2, p. 159–174, 2016. Citado na página 36.

CHASE, I. D. Social process and hierarchy formation in small groups: a comparative perspective. *American Sociological Review*, JSTOR, p. 905–924, 1980. Citado na página 29.

CHASE, I. D. et al. Individual differences versus social dynamics in the formation of animal dominance hierarchies. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, National Acad Sciences, v. 99, n. 8, p. 5744–5749, 2002. Citado na página 29.

CHEKROUD, A. M. et al. Cross-trial prediction of treatment outcome in depression: a machine learning approach. *The Lancet Psychiatry*, Elsevier, v. 3, n. 3, p. 243–250, 2016. Citado na página 36.

- COLEMAN, J. S. *Foundations of social theory*. [S.l.]: Harvard university press, 1994. Citado na página 27.
- CÔTÉ, S. Dominance hierarchies in female mountain goats: stability, aggressiveness and determinants of rank. *Behaviour*, Brill, v. 137, n. 11, p. 1541–1566, 2000. Citado na página 29.
- CURINI, L. The conditional ideological inducement to campaign on character valence issues in multiparty systems: the case of corruption. *Comparative Political Studies*, Sage Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 48, n. 2, p. 168–192, 2015. Citado na página 36.
- DACREMA, M. F.; CREMONESI, P.; JANNACH, D. Are we really making much progress? a worrying analysis of recent neural recommendation approaches. In: *Proceedings of the 13th ACM Conference on Recommender Systems*. [S.l.: s.n.], 2019. p. 101–109. Citado na página 37.
- DAVIDSON, T. et al. Automated hate speech detection and the problem of offensive language. In: *Eleventh international aaai conference on web and social media*. [S.l.: s.n.], 2017. Citado na página 36.
- DEUTSCH, M. Trust, trustworthiness, and the f scale. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, American Psychological Association, v. 61, n. 1, p. 138, 1960. Citado na página 26.
- FILHO, T. L. de L. et al. Análises interseccionais a partir da raça e da classe: Medo do crime e autoritarismo no brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Conselho Federal de Psicologia, v. 38, p. 223–237, 2018. Citado 3 vezes nas páginas 40, 41 e 42.
- FOA, R.; MOUNK, Y. The end of the consolidation paradigm. *Journal of Democracy Web Exchange*, 2017. Citado na página 23.
- FOA, R. S.; MOUNK, Y. The democratic disconnect. *Journal of democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 27, n. 3, p. 5–17, 2016. Citado na página 23.
- FOA, R. S.; MOUNK, Y. The signs of deconsolidation. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 28, n. 1, p. 5–15, 2017. Citado na página 23.
- FOUCAULT, M.; KREMER-MARIETTI, A. *L'archéologie du savoir*. [S.l.]: Gallimard Paris, 1969. v. 1. Citado na página 28.
- GABEL, M.; SCHEVE, K. Estimating the effect of elite communications on public opinion using instrumental variables. *American Journal of Political Science*, Wiley Online Library, v. 51, n. 4, p. 1013–1028, 2007. Citado na página 35.
- GEDDES, B.; ZALLER, J. Sources of popular support for authoritarian regimes. *American Journal of Political Science*, JSTOR, p. 319–347, 1989. Citado na página 28.
- GENTZKOW, M.; KELLY, B.; TADDY, M. Text as data. *Journal of Economic Literature*, v. 57, n. 3, p. 535–74, 2019. Citado na página 36.
- GERSTENFELD, P. B.; GRANT, D. R.; CHIANG, C.-P. Hate online: A content analysis of extremist internet sites. *Analyses of social issues and public policy*, Wiley Online Library, v. 3, n. 1, p. 29–44, 2003. Citado na página 30.

GLASIUS, M. What authoritarianism is... and is not: a practice perspective. *International Affairs*, Oxford University Press, v. 94, n. 3, p. 515–533, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 25 e 34.

GOLDSCHLÄGER, A. Towards a semiotics of authoritarian discourse. *Poetics Today*, JSTOR, v. 3, n. 1, p. 11–20, 1982. Citado na página 31.

GONÇALVES, P.; BENEVENUTO, F.; CHA, M. Panas-t: A psychometric scale for measuring sentiments on twitter. *arXiv preprint arXiv:1308.1857*, 2013. Citado na página 48.

GONZALEZ-OCANTOS, E. et al. Vote buying and social desirability bias: Experimental evidence from nicaragua. *American Journal of Political Science*, Wiley Online Library, v. 56, n. 1, p. 202–217, 2012. Citado na página 43.

GOUNARI, P. Authoritarianism, discourse and social media: Trump as the ‘american agitator’. *Critical Theory and Authoritarian Populism*, p. 207, 2018. Citado na página 31.

GRIMMER, J.; STEWART, B. M. Text as data: The promise and pitfalls of automatic content analysis methods for political texts. *Political analysis*, Cambridge University Press, v. 21, n. 3, p. 267–297, 2013. Citado 2 vezes nas páginas 36 e 37.

GRZYMALA-BUSSE, A. Authoritarian determinants of democratic party competition: The communist successor parties in east central europe. *Party Politics*, Sage Publications London, Thousand Oaks, New Delhi, v. 12, n. 3, p. 415–437, 2006. Citado na página 34.

HEERWIG, J. A.; MCCABE, B. J. Education and social desirability bias: The case of a black presidential candidate. *Social Science Quarterly*, Wiley Online Library, v. 90, n. 3, p. 674–686, 2009. Citado na página 43.

HENRY, P. J. et al. Social dominance orientation, authoritarianism, and support for intergroup violence between the middle east and america. *Political Psychology*, Wiley Online Library, v. 26, n. 4, p. 569–584, 2005. Citado na página 27.

HOFFMANN-LANGE, U. Methods of elite research. In: *The Oxford handbook of political behavior*. [S.l.: s.n.], 2007. Citado na página 35.

HOGENBOOM, A. et al. Exploiting emoticons in sentiment analysis. In: *Proceedings of the 28th annual ACM symposium on applied computing*. [S.l.: s.n.], 2013. p. 703–710. Citado na página 49.

HOLLAND, A. C. Right on crime? conservative party politics and "mano dura" policies in el salvador. *Latin American Research Review*, JSTOR, p. 44–67, 2013. Citado na página 24.

HOPP, T.; VARGO, C. J. Does negative campaign advertising stimulate uncivil communication on social media? measuring audience response using big data. *Computers in human behavior*, Elsevier, v. 68, p. 368–377, 2017. Citado na página 36.

HOWARD, J.; RUDER, S. Universal language model fine-tuning for text classification. *arXiv preprint arXiv:1801.06146*, 2018. Citado na página 49.

- HUANG, W.; OLSON, J. S.; OLSON, G. M. Camera angle affects dominance in video-mediated communication. In: ACM. *CHI'02 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems*. [S.l.], 2002. p. 716–717. Citado na página 29.
- HUNSBERGER, B. Religious fundamentalism, right-wing authoritarianism, and hostility toward homosexuals in non-christian religious groups. *The International Journal for the Psychology of Religion*, Taylor & Francis, v. 6, n. 1, p. 39–49, 1996. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 26.
- HUNTER, W.; POWER, T. J. Bolsonaro and brazil's illiberal backlash. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 30, n. 1, p. 68–82, 2019. Citado na página 31.
- HUTTO, C. J.; GILBERT, E. Vader: A parsimonious rule-based model for sentiment analysis of social media text. In: *Eighth international AAAI conference on weblogs and social media*. [S.l.: s.n.], 2014. Citado na página 49.
- INGLEHART, R.; WELZEL, C. *Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2005. Citado na página 27.
- JOLY, J. K.; HOFMANS, J.; LOEWEN, P. Personality and party ideology among politicians. a closer look at political elites from canada and belgium. *Frontiers in psychology*, Frontiers, v. 9, p. 552, 2018. Citado na página 35.
- JONATHAN, E. The influence of religious fundamentalism, right-wing authoritarianism, and christian orthodoxy on explicit and implicit measures of attitudes toward homosexuals. *The International Journal for the Psychology of Religion*, Taylor & Francis, v. 18, n. 4, p. 316–329, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 26.
- KANG, K.; YOON, C.; KIM, E. Y. Identifying depressive users in twitter using multimodal analysis. In: IEEE. *2016 International Conference on Big Data and Smart Computing (BigComp)*. [S.l.], 2016. p. 231–238. Citado na página 22.
- KHANY, R.; HAMZELOU, Z. A systemic functional analysis of dictators' speech: Toward a move-based model. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, Elsevier, v. 98, p. 917–924, 2014. Citado na página 30.
- KYLE, J.; GULTCHIN, L. Populists in power around the world. *Tony Blair Institut for Global Change*, 2018. Citado na página 36.
- KYLE, J.; MOUNK, Y. The populist harm to democracy: An empirical assessment. *Tony Blair Institut for Global Change*, 2018. Citado na página 25.
- LAWSON, C. et al. Looking like a winner: Candidate appearance and electoral success in new democracies. *World Politics*, Cambridge University Press, v. 62, n. 4, p. 561–593, 2010. Citado na página 29.
- LAYTHE, B.; FINKEL, D.; KIRKPATRICK, L. A. Predicting prejudice from religious fundamentalism and right-wing authoritarianism: A multiple-regression approach. *Journal for the scientific study of Religion*, Wiley Online Library, v. 40, n. 1, p. 1–10, 2001. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 26.

- LEVITSKY, S.; WAY, L. *Competitive Authoritarianism: The Emergence and Dynamics of Hybrid Regimes in the Post-Cold War Era. Manuscript Draft*. 2006. Citado na página 25.
- LEVITSKY, S.; WAY, L. A. Elections without democracy: The rise of competitive authoritarianism. *Journal of democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 13, n. 2, p. 51–65, 2002. Citado na página 25.
- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *How democracies die*. [S.l.]: Crown, 2018. Citado 4 vezes nas páginas 21, 26, 31 e 33.
- LIPSET, S. M. Reflections on capitalism, socialism & democracy. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 4, n. 2, p. 43–55, 1993. Citado na página 23.
- LIU, P. et al. Forecasting the presence and intensity of hostility on instagram using linguistic and social features. In: *Twelfth International AAAI Conference on Web and Social Media*. [S.l.: s.n.], 2018. Citado na página 36.
- LODGE, M.; TABER, C. S. *The rationalizing voter*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2013. Citado na página 29.
- LOXTON, J. Authoritarian successor parties. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 26, n. 3, p. 157–170, 2015. Citado na página 34.
- LOXTON, J. I. *Authoritarian inheritance and conservative party-building in Latin America*. Tese (Doutorado), 2014. Citado 3 vezes nas páginas 21, 24 e 34.
- LYONS, T. From victorious rebels to strong authoritarian parties: prospects for post-war democratization. *Democratization*, Taylor & Francis, v. 23, n. 6, p. 1026–1041, 2016. Citado na página 34.
- MACWILLIAMS, M. C. Who decides when the party doesn't? authoritarian voters and the rise of donald trump. *PS: Political Science & Politics*, Cambridge University Press, v. 49, n. 4, p. 716–721, 2016. Citado na página 34.
- MÄNTYLÄ, M. V.; GRAZIOTIN, D.; KUUTILA, M. The evolution of sentiment analysis—a review of research topics, venues, and top cited papers. *Computer Science Review*, Elsevier, v. 27, p. 16–32, 2018. Citado na página 48.
- MAYNARD, D.; GREENWOOD, M. A. Who cares about sarcastic tweets? investigating the impact of sarcasm on sentiment analysis. In: ELRA. *LREC 2014 Proceedings*. [S.l.], 2014. Citado na página 37.
- MCNAIR, D.; HEUCHERT, J.; SHILONY, E. Profile of mood states: Bibliography 1964–2002. *Mutli-Health Systems*, 2003. Citado na página 48.
- MELOEN, J. D. The f scale as a predictor of fascism: An overview of 40 years of authoritarianism research. In: *Strength and weakness*. [S.l.]: Springer, 1993. p. 47–69. Citado 3 vezes nas páginas 21, 22 e 26.
- MIETZNER, M. Indonesia's 2014 elections: How jokowi won and democracy survived. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 25, n. 4, p. 111–125, 2014. Citado na página 31.

MOREIRA, D. C. *Com a palavra os nobres deputados: frequência e ênfase temática dos discursos dos parlamentares brasileiros*. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2016. Citado 3 vezes nas páginas 21, 36 e 40.

MORGAN, D. et al. Predictors of social status in cynomolgus monkeys (macaca fascicularis) after group formation. *American Journal of Primatology: Official Journal of the American Society of Primatologists*, Wiley Online Library, v. 52, n. 3, p. 115–131, 2000. Citado na página 29.

MOWERY, D. et al. Identifying depression-related tweets from twitter for public health monitoring. *Online Journal of Public Health Informatics*, v. 8, n. 1, 2016. Citado na página 36.

MUDDE, C. *The ideology of the extreme right*. [S.l.]: Oxford University Press, 2000. Citado na página 34.

MUDDE, C. *Populist radical right parties in Europe*. [S.l.]: Cambridge University Press Cambridge, 2009. Citado 3 vezes nas páginas 21, 23 e 34.

MUDDE, C. Introduction to the populist radical right. In: *The Populist Radical Right*. [S.l.]: Routledge, 2016. p. 22–35. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 34.

MUDDE, C. An ideational approach. *The Oxford handbook of populism*, Oxford University Press, p. 27, 2017. Citado na página 34.

MÜLLER, J.-W. *What is populism?* [S.l.]: Penguin UK, 2017. Citado na página 31.

NEUMAN, Y. et al. Proactive screening for depression through metaphorical and automatic text analysis. *Artificial intelligence in medicine*, Elsevier, v. 56, n. 1, p. 19–25, 2012. Citado na página 22.

NIKHIL, N. et al. Lstms with attention for aggression detection. In: *Proceedings of the First Workshop on Trolling, Aggression and Cyberbullying (TRAC-2018)*. [S.l.: s.n.], 2018. p. 52–57. Citado na página 36.

NORRIS, P. Is western democracy backsliding? diagnosing the risks. *Journal of Democracy Web Exchange*, 2017. Citado na página 28.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2019. Citado 3 vezes nas páginas 21, 24 e 25.

NORRIS, P. et al. *Radical right: Voters and parties in the electoral market*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2005. Citado 2 vezes nas páginas 23 e 34.

NOTHMAN, J. et al. Learning multilingual named entity recognition from wikipedia. *Artificial Intelligence*, Elsevier, v. 194, p. 151–175, 2013. Citado na página 48.

O'DONELL, G. A. Delegative democracy. *Journal of democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 5, n. 1, p. 55–69, 1994. Citado na página 25.

OHTSUKI, H. et al. A simple rule for the evolution of cooperation on graphs and social networks. *Nature*, Nature Publishing Group, v. 441, n. 7092, p. 502–505, 2006. Citado na página 26.

- OLIVER, J. E.; RAHN, W. M. Rise of the trumpenvolk: Populism in the 2016 election. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 667, n. 1, p. 189–206, 2016. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 36.
- OPP. *Open-Source Psychometrics Project Answers to Bob Altemeyer's Right-wing Authoritarianism Scale*. 2016. Data coletada do repositório, <https://openpsychometrics.org/_rawdata/>. Citado 2 vezes nas páginas 28 e 44.
- ORABI, A. H. et al. Deep learning for depression detection of twitter users. In: *Proceedings of the Fifth Workshop on Computational Linguistics and Clinical Psychology: From Keyboard to Clinic*. [S.l.: s.n.], 2018. p. 88–97. Citado na página 36.
- ORASAN, C. Aggressive language identification using word embeddings and sentiment features. In: ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS. [S.l.], 2018. Citado na página 36.
- PANG, B.; LEE, L.; VAITHYANATHAN, S. Thumbs up?: sentiment classification using machine learning techniques. In: ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS. *Proceedings of the ACL-02 conference on Empirical methods in natural language processing-Volume 10*. [S.l.], 2002. p. 79–86. Citado na página 49.
- PAUWELS, T. Measuring populism: A quantitative text analysis of party literature in belgium. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, Taylor & Francis, v. 21, n. 1, p. 97–119, 2011. Citado na página 36.
- PINTO, D. Indoctrinating the youth of post-war spain: A discourse analysis of a fascist civics textbook. *Discourse & Society*, Sage Publications Sage CA: Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 5, p. 649–667, 2004. Citado na página 31.
- RADEMAKER, A. et al. Universal dependencies for portuguese. In: *Proceedings of the Fourth International Conference on Dependency Linguistics (Depling)*. Pisa, Italy: [s.n.], 2017. p. 197–206. Disponível em: <<http://aclweb.org/anthology/W17-6523>>. Citado na página 47.
- RAIN, B. *Topic Model Latent Dirichlet Allocation*. 2015. Acessado em 2020-03-04. Disponível em: <https://rstudio-pubs-static.s3.amazonaws.com/63854_c802d802e2204937a25676d17e896f84.html>. Citado 2 vezes nas páginas 46 e 47.
- RIDGEWAY, C.; DIEKEMA, D. Dominance and collective hierarchy formation in male and female task groups. *American Sociological Review*, JSTOR, p. 79–93, 1989. Citado na página 29.
- ROBERTS, M. E. Introduction to the virtual issue: recent innovations in text analysis for social science. *Political Analysis*, Cambridge University Press, v. 24, n. V10, p. 1–5, 2016. Citado na página 36.
- ROKEACH, M. et al. The open and closed mind. Basic books New York, 1960. Citado na página 26.
- ROODUIJN, M.; PAUWELS, T. Measuring populism: Comparing two methods of content analysis. *West European Politics*, Taylor & Francis, v. 34, n. 6, p. 1272–1283, 2011. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 36.

- ROWATT, W. C.; FRANKLIN, L. M. Christian orthodoxy, religious fundamentalism, and right-wing authoritarianism as predictors of implicit racial prejudice. *The International Journal for the Psychology of Religion*, Taylor & Francis, v. 14, n. 2, p. 125–138, 2004. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 26.
- RUDMIN, F. W. Norwegian short-form of the marlowe-crowne social desirability scale. *Scandinavian Journal of Psychology*, Wiley Online Library, v. 40, n. 3, p. 229–233, 1999. Citado na página 43.
- RUTH, S. P.; BARACALDO, A. M. R. Measuring populist attitudes in latin america's parliamentary elites. In: *ALACIP Annual Congress, Lima (Peru)*. [S.l.: s.n.], 2015. Citado na página 35.
- RYDGREN, J. The sociology of the radical right. *Annu. Rev. Sociol.*, Annual Reviews, v. 33, p. 241–262, 2007. Citado na página 21.
- SAHAY, K. et al. Detecting cyberbullying and aggression in social commentary using nlp and machine learning. *International Journal of Engineering Technology Science and Research*, v. 5, n. 1, 2018. Citado na página 36.
- SCHUMPETER, J. A. et al. Capitalism, socialism, and democracy. Harper, 1942. Citado na página 23.
- SEKINE, S. *Named entity: History and future*. [S.l.]: New York University, 2004. Citado na página 47.
- SELIGSON, A. L. When democracies elect dictators: Motivations for and impact of the election of former authoritarians in argentina and bolivia. 2003. Citado 3 vezes nas páginas 21, 23 e 33.
- SELIGSON, A. L.; TUCKER, J. A. Feeding the hand that bit you: Voting for ex-authoritarian rulers in russia and bolivia. *Demokratizatsiya*, Citeseer, v. 13, n. 1, 2005. Citado 3 vezes nas páginas 21, 23 e 33.
- SERRANO-GUERRERO, J. et al. Sentiment analysis: A review and comparative analysis of web services. *Information Sciences*, Elsevier, v. 311, p. 18–38, 2015. Citado na página 48.
- SIBLEY, C. G.; WILSON, M. S.; DUCKITT, J. Antecedents of men's hostile and benevolent sexism: The dual roles of social dominance orientation and right-wing authoritarianism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Sage Publications Sage CA: Thousand Oaks, CA, v. 33, n. 2, p. 160–172, 2007. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 27.
- SIDANIUS, J.; PRATTO, F. *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2001. Citado 2 vezes nas páginas 29 e 30.
- SIEGEL, S. M. The relationship of hostility to authoritarianism. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, American Psychological Association, v. 52, n. 3, p. 368, 1956. Citado na página 30.
- SLAPIN, J. B.; PROKSCH, S.-O. A scaling model for estimating time-series party positions from texts. *American Journal of Political Science*, Wiley Online Library, v. 52, n. 3, p. 705–722, 2008. Citado na página 36.

- SMITH, A. M. A symptomology of an authoritarian discourse. *New Formations*, v. 10, p. 41–65, 1990. Citado 2 vezes nas páginas 30 e 39.
- SMITH, H. J.; PETTIGREW, T. F. Advances in relative deprivation theory and research. *Social Justice Research*, Springer, v. 28, n. 1, p. 1–6, 2015. Citado na página 30.
- STAVRAKAKIS, Y.; ANDREADIS, I.; KATSAMBEKIS, G. A new populism index at work: identifying populist candidates and parties in the contemporary greek context. *European Politics and Society*, Taylor & Francis, v. 18, n. 4, p. 446–464, 2017. Citado na página 35.
- STEIN, E. A. The unraveling of support for authoritarianism: The dynamic relationship of media, elites, and public opinion in brazil, 1972–82. *The International Journal of Press/Politics*, Sage Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 18, n. 1, p. 85–107, 2013. Citado na página 28.
- STEVENS, D.; BISHIN, B. G.; BARR, R. R. Authoritarian attitudes, democracy, and policy preferences among latin american elites. *American Journal of Political Science*, Wiley Online Library, v. 50, n. 3, p. 606–620, 2006. Citado na página 35.
- SUN, C. et al. How to fine-tune bert for text classification? In: SPRINGER. *China National Conference on Chinese Computational Linguistics*. [S.l.], 2019. p. 194–206. Citado na página 49.
- THELWALL, M. et al. *SentiStrength*. 2014. Disponível em: <<http://sentistrength.wlv.ac.uk>>. Citado na página 49.
- THOMSEN, L.; GREEN, E. G.; SIDANIUS, J. We will hunt them down: How social dominance orientation and right-wing authoritarianism fuel ethnic persecution of immigrants in fundamentally different ways. *Journal of Experimental Social Psychology*, Elsevier, v. 44, n. 6, p. 1455–1464, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 27.
- TITUS, H. E.; HOLLANDER, E. P. The california f scale in psychological research: 1950–1955. *Psychological bulletin*, American Psychological Association, v. 54, n. 1, p. 47, 1957. Citado 3 vezes nas páginas 21, 22 e 26.
- VALENZUELA, A. Latin american presidencies interrupted. *Journal of Democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 15, n. 4, p. 5–19, 2004. Citado na página 24.
- VARGO, C. J.; HOPP, T. Socioeconomic status, social capital, and partisan polarity as predictors of political incivility on twitter: A congressional district-level analysis. *Social Science Computer Review*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 35, n. 1, p. 10–32, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 22 e 36.
- VILANOVA, F. et al. Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala right-wing authoritarianism. *Trends in Psychology/Temas em Psicologia*, Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 26, n. 3, p. 1299–1316, 2018. Citado 3 vezes nas páginas 40, 41 e 42.
- VOETEN, E. Are people really turning away from democracy? *Journal of Democracy Web Exchange*, 2016. Citado na página 23.
- WATSON, D.; CLARK, L. Manual for the positive and negative affect schedule: Expanded form. *University of Iowa*, 1994. Citado na página 48.

WATSON, D.; CLARK, L. A.; TELLEGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the panas scales. *Journal of personality and social psychology*, American Psychological Association, v. 54, n. 6, p. 1063, 1988. Citado na página 48.

WEYLAND, K. Latin america's authoritarian drift: the threat from the populist left. *Journal of democracy*, Johns Hopkins University Press, v. 24, n. 3, p. 18–32, 2013. Citado na página 33.

WILKERSON, J.; CASAS, A. Large-scale computerized text analysis in political science: Opportunities and challenges. *Annual Review of Political Science*, Annual Reviews, v. 20, p. 529–544, 2017. Citado na página 36.

WVS. *World Values Survey Round six-country-pooled datafile version*. 2014. Data coletada do repositório, <<http://www.worldvaluessurvey.org>>. Citado na página 28.

YANG, Z. et al. Xlnet: Generalized autoregressive pretraining for language understanding. In: *Advances in neural information processing systems*. [S.l.: s.n.], 2019. p. 5754–5764. Citado na página 49.

ZALLER, J. R. et al. *The nature and origins of mass opinion*. [S.l.]: Cambridge university press, 1992. Citado na página 35.

ZAMPIERI, M. et al. Predicting the type and target of offensive posts in social media. *arXiv preprint arXiv:1902.09666*, 2019. Citado na página 36.

Apêndices